UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O Impacto da Crise Socioeconómica na Motivação e na Perspectiva Temporal nos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra

Carla Sofia Silva Mota (e-mail: carla.s.mota@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, ramo Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, sob a Orientação do Professor Doutor José Manuel Tomás da Silva

O Impacto da Crise Socioeconómica na Motivação e na Perspectiva Temporal nos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra.

A presente investigação, de carácter exploratório, pretende contribuir para a compreensão do impacto da crise socioeconómica, instalada no nosso país desde 2008, em duas dimensões da personalidade, a motivação e a perspectiva temporal. Este estudo incidiu sobre a população estudantil do primeiro ano do Ensino Superior da Universidade de Coimbra. A análise dos resultados obtidos foi feita com base na Teoria da Autodeterminação e da literatura respeitante ao construto de Perspectiva Temporal. A recolha dos dados foi feita *online* através do preenchimento de uma bateria de instrumentos, que incluiu um questionário acerca da crise socioeconómica, a *Escala de Orientações Gerais de Causalidade*, o *Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo* e a *Escala das Necessidades Psicológicas Básicas – Geral*. Nas análises quantitativas dos resultados recorreu-se essencialmente às correlações de Pearson, e, no geral, os resultados foram os esperados tendo em conta a literatura preexistente, embora tenham existido resultados inesperados e que mereceram a nossa atenção. Apesar de não terem sido encontrados muitos resultados estatisticamente significativos, este estudo não deixa de ser relevante para a clarificação do tema que nos propusemos a analisar.

Palavras-chave: Crise socioeconómica, Futuro, Motivação, Perspectiva temporal, Teoria da autodeterminação

The Impact of the Socio-economic Crisis on Motivation and Time Perspective in the first-year students of the University of Coimbra.

The current exploratory investigation intended to acknowledge what was the impact of the socio-economic crisis that started in our country in 2008, in the two dimensions of personality and motivation and time perspective. This study focused on the first-year students of the University of Coimbra. The analysis of the results was based on the Self-Determination Theory and the construct of Time Perspective. The data collection was done online through a battery of instruments that included a socio-economic questionnaire, the general causality orientations scale, the Zimbardo Time Perspective Inventory and the Basic Psychological Needs Scale – General. The analyses of results, mostly of the type of Pearson Correlations, showed that the overall results were in consonance with the observations expounded in the relevant literature, although there were some non-expected results that deserve our attention. Even though we didn't found many statistical significant results, we think that this study still is a relevant contribution for the theme that we propose to analyze.

Key Words: economic crisis, future, motivation, time perspective, self-determination theory.

Agradecimentos

Correndo o risco de não ser percebida, para mim, as palavras e gestos de agradecimento não se devem resumir a este espaço e por isso apenas irei mencionar quem merece reconhecimento.

Ao professor e orientador José Tomás da Silva.

Aos Mota.

À família de Coimbra, Imke, Inês, Irina, Iza, Joana, Tânia e Tininha.

A Coimbra.

À Saudade.

A todos, Obrigada.

Introdução 1
I – Enquadramento conceptual 1
1.1. Crise: Impacto dos contextos 1
1.2. Motivação Humana: A Teoria da Autodeterminação (SDT) 3
1.3. Tempo Psicológico: Perspectiva Temporal 10
1.4. Motivação e Tempo 13
II – Objectivos 15
III – Metodologia 16
3.1. Amostra 16
3.2. Instrumentos 16
3.2.1. Questionário Socioecónomico e sociodemográfico 16
3.2.2. Escala de Orientações Gerais de Causalidade 17
3.2.3. Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo 17
3.2.4. Escala das Necessidades Psicológicas Básicas 18
3.3. Procedimento 18
IV – Resultados 18
4.1. Determinar de que forma a crise socioeconómica afecta a vida dos estudantes da Universidade de Coimbra 19
a) Qual a influência da crise na sua vida quotidiana? 19
b) Qual o impacto pessoal da crise ao nível pessoal? 20
c) Quais os efeitos da crise ao nível do receio que possa ter a respeito do seu futuro? 21
d) Qual o impacto geral da crise, ou seja, em que dimensões da sua vida a crise teve mais impacto? 21
e) Qual a influência do desemprego no impacto da crise? 22
4.2. Determinar qual o tipo de orientação causal predominante nos alunos do 1º ano e quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas. 22
a) Qual a orientação causal predominante? 22
b) Quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas? 23
c) Relação entre a orientação causal e as necessidades psicológicas básicas 23
d) Relação entre as variáveis da motivação e a crise 25
4.3. Determinar qual o tipo de perspectiva temporal 26
a) Qual o tipo de orientação temporal predominante? 26
b) Relação entre a perspectiva temporal e a crise 26
V – Discussão 27
VI - Conclusões 30
Bibliografia 31
Anexos 34

Introdução

A investigação que realizámos teve como objectivo examinar o impacto da actual crise socioeconómica no tipo de motivação e na perspectiva temporal dos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra. Tendo em conta o estado actual do país e as dificuldades que atravessamos, é importante perceber como o contexto influencia estes aspectos psicossociais, a motivação e a orientação temporal, tão relevantes no sucesso académico nos alunos do Ensino Superior.

Esta análise terá por base a Teoria da Autodeterminação (*Self-Determination Theory*, SDT; Deci & Ryan, 1985) e a Teoria da Perspectiva Temporal (Gonzalez & Zimbardo, 1985; Zimbardo & Boyd, 1997; Zimbardo, Keough & Boyd, 1997), que fundamentarão a análise do impacto da crise socioeconómica nas diferentes dimensões mencionadas nestas teorias.

Para concretizar esta análise serão utilizadas medidas quantitativas para percebermos qual o impacto da crise socioeconómica a nível pessoal, estudando os diferentes factores que estarão na base da percepção da crise (impacto pessoal da crise, receio do futuro, crise como condicionante da escolha do curso, pressão dos pais, desemprego, etc.), e nas dimensões da motivação, nomeadamente a orientação causal (autónoma, controlada e impessoal) e as necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e afiliação), e da perspectiva temporal (passado negativo, passado positivo, presente hedonista, presente fatalista e futuro).

Por fim, examinaremos os resultados e, com base neles e no seu significado, será conduzida uma discussão que pretenderá dar conta dos principais resultados nesta investigação. Serão ainda tecidas as conclusões finais que darão ainda conta de algumas limitações e direções futuras.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Crise: Impacto dos contextos

Existem cada vez mais condicionantes na vida dos estudantes universitários, tornando-se por isso relevante que falemos num desses factores externos que, neste momento, tem um papel muito importante: a crise socioeconómica. O contexto social em que os estudantes se encontram, no qual vivem, tomam as suas decisões e constroem as suas acções é determinante para a qualidade das mesmas e para a vontade, ou não, de as fazer.

Os contextos sociais evidenciam as diferenças individuais no que toca à motivação e ao crescimento pessoal, podendo, em circunstâncias mais favoráveis, resultar numa maior automotivação, energia e integração de diferentes situações, domínios e culturas. Como afirma a SDT, os contextos sociais são facilitadores da competência, da afiliação e da autonomia e por isso irão promover a acção motivada. Um contexto que não permita estas acções e a satisfação das necessidades – e.g. ambiente/contexto controlador – irá diminuir a motivação e a performance (Deci, Vallerand, Pelletier & Ryan, 1991). Os ambientes controladores tem a tendência a oferecer contingências diversas aos comportamentos (pressionar, impor limites, dar incentivos e punições) diminuindo a motivação intrínseca e o interesse, a escolha e a volição dos comportamentos (Vansteenkiste, Simons, Lens, Sheldon & Deci, 2004). O contexto actual de crise socioecónomica pode

ver-se como controlador na medida em que há uma clara diminuição das opções de escolha e poucas recompensas a nível da satisfação pessoal. Mas, por outro lado, uma vez que o contexto não permite o desenvolvimento de objectivos a longo prazo, também podemos especular que a motivação presente para ingressar em actividades que sejam significativas para os indivíduos possa ser maior, sendo então o contexto visto como autónomo e desafiador.

É, por outro lado, necessário saber que contextos são facilitadores ou promotores da motivação autónoma, aqueles que minimizam as contingências externas e o controlo, e que, em última análise, promovam a aprendizagem e a performance (Black & Deci, 2000 citado por Vansteenkiste et al., 2004; Ryan & Connell, 1989).

Quando existe congruência entre os objectivos estabelecidos pelos indivíduos para serem alcançados e o meio envolvente (e.g. meio autónomo – objectivos intrínsecos), existe um maior envolvimento e vontade própria, assim como satisfação das necessidades básicas (Vansteenkiste et al., 2004). Desde que a autonomia se traduza em autodeterminação, direcção e governação (Deci & Ryan, 2000), os alunos do 1º ano talvez percebam o contexto educacional como mais autónomo – mas, por outro lado, em geral, as aulas dos estudantes não são autónomas por natureza nem auto-organizadas, algo que dificultaria a satisfação desta necessidade. Na universidade, a necessidade de afiliação tem um papel importante na motivação académica, mas segundo os autores Faye & Sharpe (2008) isto pode dar-se pelo elevado número de raparigas no Ensino Superior. Alguns autores defendem ainda que "a forma como percebemos o meio envolvente pode ser tão importante como o meio em si" (Ryan & Deci, 1985, p.190). A orientação do indivíduo pode condicionar esta percepção e por consequência as oportunidades da satisfação das necessidades.

Por outro lado, tendo em conta que a Educação é tendencialmente orientada para o futuro e que a motivação é profundamente afectada pelas conceptualizações do futuro (Kauffman & Husman, 2004), é importante saber de que forma o cenário instável de crise socioeconómica do nosso país influi a permanência e o envolvimento dos alunos na Universidade. A crise socioeconómica iniciada em 2008 trouxe mudanças na forma de vida e nos hábitos de vida dos indivíduos. Neste sentido a actual crise socioeconómica, apesar do enorme drama que comporta na vida dos portugueses, emerge como oportunidade única de investigação, funcionando como uma espécie de laboratório "natural" para o exame de processos e ligações entre eventos e construtos psicossociais que de outra forma nos ficariam inacessíveis.

Para os estudantes em particular, existem diversos aspectos que mudaram ao longo dos anos. Os apoios sociais constituem uma das principais formas de subsistência de um grande número de estudantes do Ensino Superior. Com esta crise socioeconómica, um dos sectores mais afectados é a Educação (Grupo Controlinveste, 2013) e consequentemente o seu financiamento havendo por isso um impacto negativo na Acção Social uma vez que recebe menos fundos para o apoio social (Agência Lusa, 2013). Esta situação do país e estas condições no Ensino Superior levam a que muitos alunos tenham de abandonar a Universidade, ou nos casos de quem já terminou o curso, regressar a casa dos pais, situação pouco desejada pelos alunos mas para a qual não encontram outra solução (Grupo Controlinveste, 2012). Existe hoje uma preocupação crescente por parte dos reitores das Universidades para com os alunos que abandonam os cursos, uma vez que estes pretendem perceber o porquê deste abandono, saber quais as reais

razões (Casanova, 2013). Algumas das razões conhecidas são as propinas, os transportes e a alimentação, encargos que, como referido acima, estão agora mais difíceis de suportar com a diminuição do apoio social (Agência Lusa, 2013).

A par desta situação, a solução de alguns alunos finalistas e para os que estão agora a iniciar mas que têm já planos a longo prazo, é a emigração. Notícias relatam que 70% dos estudantes universitários tencionam emigrar devido às condições socioeconómicas e ajustamento orçamental (Portocarrero, 2012).

Tendo em consideração estes factores sociais que estão a afectar os estudantes, várias perguntas impõem-se: o que motiva e como encaram o futuro os novos estudantes universitários? Com cada vez mais dificuldades económicas e entraves ao emprego e ao desenvolvimento pessoal, o que faz com os alunos persistam num curso e como encaram o futuro? Ainda, será que esta forma de olhar para o futuro tem implicações significativas na sua motivação? Um estudo realizado pelo professor e investigador João Marôco do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), sobre exaustão emocional, cinismo e descrença relativamente à utilidade dos estudos e realização e eficácia profissional (factores que levam ao *burnout*), concluiu que metade dos alunos inquiridos têm baixa eficácia ou realização profissional, 18% têm elevados níveis de cinismo ou descrença na utilidade dos estudos e 21% revelam exaustão emocional. Os cursos com valores mais elevados de exaustão são os de saúde e ciências sociais, as engenharias apresentam valores mais baixos. Alguns alunos apresentam elevados valores de descrença na utilidade dos cursos o que leva ao abandando dos cursos universitários. Ao cansaço emocional juntam-se as condições sociais e económicas do país, factores que se refletem na performance dos alunos (Jesus, 2012). Mais ainda, um estudo do Departamento de Ciências da Educação e do Património da Universidade Portucalense realça que a falta de objectivos futuros é um dos factores para a desmotivação dos estudantes, para além dos recursos financeiros (Agência Lusa, 2013).

Sendo consensualmente admitido que vários factores contribuem para a actual crise e que as consequências da crise, por sua vez, podem conduzir a um possível abandono escolar, justifica-se plenamente a necessidade de perceber se há uma relação com a motivação dos alunos que entram agora para o Ensino Superior e ainda com a forma como eles olham para o futuro, tendo em conta a crise que o país atravessa e as oportunidades que poderão, ou não, ter. Para fundamentar a nossa asserção, de seguida começamos por abordar a questão da motivação humana recorrendo à teoria da autodeterminação, seguindo-se-lhe um exame do conceito de perspectiva temporal e dos seus efeitos nos indivíduos.

1.2. Motivação Humana: A Teoria da Autodeterminação (SDT)

O nosso comportamento é impulsionado por diferentes factores, sendo que um deles tem um papel extremamente importante no que toca à energia, direcção, persistência e equifinalidade do comportamento. Referimo-nos, no caso, à motivação.

A motivação é um dos mecanismos principais de acção de que dispomos: leva-nos a agir, a pensar e a envolvermo-nos em incontestáveis comportamentos, tarefas e projectos (Deci & Ryan, 2008). Desta forma, estar motivado significa estar a *mover-se* para fazer alguma coisa (Ryan & Deci, 2000). Sabendo que a motivação é um factor chave quando se fala em

acção, importa por isso saber como podemos facilitar e promover a persistência e a performance nos empreendimentos humanos (Deci & Ryan, 2008). Como modo de conceptualizar a motivação, foram sendo desenvolvidas diversas teorias da motivação humana. A Teoria da Autodeterminação (*Self-Determination Theory*, SDT; Deci & Ryan, 1985; Lens, Paixão & Herrera, 2009) surge como uma das mais heurísticas e relevantes para a elucidação dos fenómenos que iremos investigar e por isso, será a única que desenvolvemos de seguida.

A SDT é uma teoria da motivação humana que abrange diferentes tipos de fenómenos e tem aplicação em diferentes domínios da vida (Deci & Ryan, 2008). Foca-se no desenvolvimento da personalidade, na auto-regulação, nas necessidades psicológicas básicas, nos objectivos e aspirações de vida, no impacto dos ambientes sociais na motivação, no comportamento e no bem-estar, entre outros (Deci & Ryan, 2008a). Para o propósito específico da presente dissertação irei focar-me particularmente nos tipos de motivação, nos conceitos de necessidades psicológicas básicas, na orientação causal, nos objectivos e aspirações de vida e no impacto dos ambientes sociais.

A SDT interessa-se pelas tendências de crescimento dos indivíduos e pelas necessidades psicológicas básicas que estão na base da automotivação e da integração da personalidade; preocupa-se ainda com os objectivos que os indivíduos têm e em que contextos os perseguem (Ryan & Deci, 2000). Um dos aspectos centrais na SDT é a diferenciação entre os diferentes tipos de motivação. O impacto da motivação em diferentes comportamentos ou resultados depende do tipo e qualidade da motivação e não tanto a quantidade da mesma (Deci & Ryan, 2008; Deci & Ryan, 2008a), ou seja, o total de motivação que temos para realizar determinado comportamento não é tão importante como o tipo de motivação e a forma como a interiorizamos.

A SDT tem por base a premissa de que as pessoas são activas e automotivadas uma vez que o sucesso em si mesmo é visto como recompensa e gratificação suficiente para o comportamento. Mas a par desta visão é também reconhecido que as pessoas podem ser passivas e reactivas. A interacção da pessoa com o meio envolvente irá despoletar uma destas duas formas de motivação (Deci & Ryan, 2008). A facilitação ou não desta dita "natureza humana" terá repercussões nos indivíduos, uma vez que, como afirma a SDT, todas as pessoas têm a necessidade de se sentir competentes, autónomas e de manter relacionamentos positivos com os outros (Ryan & Deci, 2000a). Assim sendo, os contextos que permitem a satisfação destas ditas necessidades básicas serão aqueles que oferecem as condições óptimas para o desenvolvimento de actividades que permitirão alcançar essa satisfação e os objectivos pessoais. Pelo contrário, os contextos que não ofereçam condições para a satisfação das necessidades levam a que os resultados dos comportamentos sejam menos positivos (Ryan & Deci, 2000a).

Uma vez que existem diferentes factores que podem impulsionar o comportamento motivado, e que, de acordo com esses factores, esse comportamento pode ser mais benéfico (ou prejudicial) para o bem-estar dos indivíduos, é conveniente fazer uma clara distinção entre estas diferentes formas de estar motivado. Esta distinção é feita através das diferentes razões ou objectivos que levam à acção (Ryan & Deci, 2000).

A **motivação intrínseca** pressupõe a realização de uma actividade pela actividade em si, porque esta é "interessante e espontaneamente satisfatória" (Deci & Ryan, 2008, p.15; Lens, Paixão & Herrera, 2009;

Vansteenkiste, Sierens, Soenens, Luyckx & Lens, 2009). Ao estar intrinsecamente motivado o individuo realiza actividades com vista à obtenção de sentimentos positivos relacionados com essa acção. Estes comportamentos intrínsecos são o protótipo do comportamento autodeterminado (Deci, 1975 citado por Deci & Ryan, 2000; Deci et al., 1991).

O comportamento intrinsecamente motivado tem como recompensa a satisfação que advém desse comportamento e promove um maior bem-estar e melhor performance (Deci & Ryan, 2000); está relacionado com a proactividade[1], com o crescimento pessoal e é a melhor forma de desenvolvimento e aprendizagem (Deci & Vansteenkiste, 2004; Ryan & Deci, 2000). Este crescimento e aprendizagem levam a que haja um sentimento de competência associado aos comportamentos intrinsecamente motivados. Estes, por sua vez, têm como objectivo despoletar sentimentos de eficácia e alegria (White, 1959 citado por Deci & Vansteenkiste, 2004). Os comportamentos intrinsecamente motivados são essencias para o desenvolvimento (cognitivo, social e físico) uma vez que é através deles que se aumentam os conhecimentos e as competências pessoais (Ryan & Deci, 2000). Estes comportamentos são motivados sem ter em conta consequências específicas (Deci & Ryan, 2000) e não dependem de recompensas.

White (1959) e deCharms (1965) (citado por Deci & Vansteenkiste, 2004) afirmam que o comportamento intrinsecamente motivado é impulsionado pela necessidade de competência e autonomia. O relacionamento interpessoal também tem implicações na motivação intrínseca mas em menor escala (Deci & Ryan, 2000). As necessidades são satisfeitas por comportamentos intrinsecamente motivados (Ryan & Deci, 2000). Estes "são uma função das necessidades psicológicas básicas" (Deci & Ryan, 2000, p. 233).

A **motivação extrínseca**, por sua vez, refere-se ao envolvimento em actividades que levam a consequências específicas (Ryan & Deci, 2000; Ryan & Deci, 2000), ou seja, que resultam numa "recompensa tangível ou no evitamento de punição" (Deci & Ryan, 2008, p.15). O comportamento extrinsecamente motivado é instrumental (Deci et al., 1991; Deci & Vansteenkiste, 2004; Niemiec, Lynch, Vansteenkiste, Bernstein, Deci & Ryan, 2006), leva a determinadas consequências ou resultados. Uma vez que é regulado por contingências externas, o comportamento é executado com um sentimento de aceitação que condiciona o individuo. Quando estas contingências não estão presentes não existe aceitação e por isso não existe comportamento (Deci & Ryan, 2000).

Um dos "problemas" mencionados na literatura acerca das recompensas extrínsecas é o facto de estas diminuírem a motivação intrínseca (Deci, Koestner & Ryan, 1999). Os indivíduos deixam de estar intrinsecamente motivados passando a estar controlados, perdendo a escolha e a autonomia (Deci & Vansteenkiste, 2004). Ao receberem recompensas por uma actividade os indivíduos perdem o verdadeiro interesse por essa mesma actividade (Deci & Vansteenkiste, 2004; Lens, Paixão & Herrera, 2009). Segundo Deci et al. (1999), existem ainda outros aspectos que diminuem a motivação intrínseca como mostram alguns estudos, por

[1] "Os humanos são naturalmente activos e há uma tendência natural para o desenvolvimento; especificamente na motivação intrínseca tem de haver um envolvimento com as tarefas que despertem interesse e que por isso promovem o crescimento" (Deci & Ryan, 2000, p.233).

exemplo a punição (Deci & Cascio, 1972), os prazos (Amable, DeJong & Lepper, 1976), e a vigilância (Plant & Ryan, 1985). Por outro lado, a escolha promove a motivação intrínseca (Zuckerman, Pozac, Lathin, Smith & Deci, 1978). Esta escolha dá aos indivíduos um sentimento de autonomia, uma das necessidades psicológicas básicas a ser satisfeita, o que não se verifica quando os indivíduos são ameaçados, observados, avaliados, etc. (Deci & Ryan, 2000). Recompensas não tangíveis, por seu lado revelam bons resultados na promoção da motivação intrínseca – caso disso é o feedback positivo (Lens et al., 2009; Deci et al., 1999) que promove a satisfação da necessidade de competência.

Para além destas condições que diminuem ou aumentam a motivação intrínseca, temos de ter ainda em conta o meio envolvente, como foi supra mencionado. Assim, contextos que exercem mais pressão e controlo tendem a diminuir a motivação intrínseca, enquanto aqueles que se revelam de maior suporte e informacionais promovem-na (Deci et al., 1999; Vansteenkiste et al., 2004). Estes ambientes que promovem a motivação intrínseca são vistos igualmente como promotores da autonomia uma vez que apelam à escolha e ao envolvimento pessoal nas actividades. Mas também podemos ser autónomos e estarmos extrinsecamente motivados. Isto pode acontecer quando existe a integração – processo pelo qual integramos estruturas ou representações internas de nós próprios e do mundo (Deci & Ryan, 2008; Deci & Ryan, 2000). Esta internalização[2] e integração serão mais ou menos eficazes dependendo das condições que o meio proporciona para a satisfação das necessidades (Deci & Ryan, 2008).

Segundo a SDT existem três tipos de internalização separadas pelo seu nível de integração no *self*. A forma menos eficaz de internalização é a **introjecção**. Pressupõe a adopção de uma "regulação externa[3] mas não a aceitando como sua" (Deci & Ryan, 2008, p. 16; Deci et al., 1991; Lens et al., 2009; Niemiec et al., 2006; Deci & Vansteenkiste, 2004; Ryan & Deci, 2000a). Existe, neste caso, uma contingência externa que continua de alguma forma a controlar a acção como se fosse totalmente externa - *locus* externo (Ryan & Deci, 2000). O sentimento de controlo continua a existir e a trazer consigo consequências associadas à realização, ou não, dos comportamentos. Este controlo é imposto pelo próprio sujeito, é mantido pelas contingências internas (Deci & Vansteenkiste, 2004). Esta é, por isso, uma internalização parcial (Deci & Ryan, 2000).

O segundo tipo é a **identificação**. Aqui existe uma aceitação da importância do comportamento para o próprio individuo, já o vendo como seu (Ryan & Deci, 2000a; Niemiec at al., 2006; Ryan & Deci, 2000; Lens et al., 2009; Deci & Vansteenkiste, 2004). Esta aceitação do comportamento e do seu valor inerente permite que haja uma regulação em sua função, um sentimenro de autonomia, não havendo pressão ou controlo externo (Deci & Vansteenkiste, 2004), e de escolha e volição (Deci & Ryan, 2000). A motivação continua a ser externa porque há sempre uma instrumentalidade associada ao comportamento, mais do que um interesse, mas de qualquer das

[2] A internalização é um "processo central na socialização" (Kelman, 1958; Lepper, 1983; Meisser, 1988; Schafer, 1968, citados por Deci & Ryan, 2000), através do qual a regulação é totalmente interna e não precisa de contingências externas (Deci at al., 1991; Deci & Vansteenkiste, 2004; Ryan & Connell, 1989), ou seja, a regulação parte do sentido de *self* do individuo (Ryan & Deci, 2000; Ryan & Deci, 2000a).

[3] A regulação externa é a motivação extrínseca; o comportamento é executado por uma contingência externa que inicia e regula o comportamento (Deci & Ryan, 2000) e permite evitar a punição (Ryan & Deci, 2000).

formas, o comportamento é relativamente autónomo uma vez que as razões, embora instrumentais, são pessoais (Deci et al., 1991).

Por último, temos a **integração** que é a forma mais eficaz de internalização (Deci et al., 1991; Ryan & Deci, 2000; Ryan & Deci, 2000a; Niemiec et al., 2006; Deci & Ryan, 2000; Deci & Vansteenkiste, 2004; Lens et al., 2009). Neste caso, há uma identificação e integração total no *self* das razões para a acção, pelo que os comportamentos são autónomos e autodeterminados, dependem da escolha e da volição. Este é o tipo mais autónomo da motivação extrínseca, sendo semelhante à motivação intrínseca. Há no entanto diferenças: enquanto a integração depende da internalização do valor do comportamento, a motivação intrínseca depende exclusivamente do interesse ou não pelo comportamento em si (Ryan & Deci, 2000).

Ao definirmos os diferentes tipos de motivação - intrínseca e extrínseca - falámos de autonomia e controlo e de como cada uma pode influenciar a satisfação das necessidades psicológicas básicas. Os conceitos de autonomia e controlo surgem pois a simples distinção entre motivação intrínseca e extrínseca deixa de ser a mais correcta tendo em conta o surgimento do conceito de internalização (Lens et al., 2009). Surgem assim os conceitos de motivação autónoma e controlada. Dentro destes dois tipos distinguem-se outros tipos de motivação (que dependem das regulações) que se diferenciam pela sua qualidade (Deci & Ryan, 2008; Lens et al., 2009). Dependendo então do tipo de internalização, o tipo de regulação pode ser mais autónoma ou mais controlada (ver figura 1) (Niemiec et al., 2006).

Assim, "a **motivação autónoma** inclui a motivação intrínseca e os tipos de motivação extrínseca em que as pessoas tenham identificado o valor de uma actividade e, idealmente, o integrado no seu sentido de *self*. Quando as pessoas estão autonomamente motivadas experienciam volição (vontade) e autoapoio nas suas acções" (Deci & Ryan, 2008a, p. 182; Deci & Ryan, 2000; Lens et al., 2009; Deci & Vansteenkiste, 2004; Vansteenkiste, Sierens, Soenens, Luyckx & Lens, 2009).

A **motivação controlada** inclui a regulação externa – o comportamento depende de contingências externas, nomeadamente recompensas ou punições – e a regulação introjectada – "a regulação da acção foi apenas parcialmente integrada e funciona pela aprovação dos motivos, evitamento da vergonha", etc (Deci & Ryan, 2008a, p.182). Quando são controladas, as pessoas sentem pressão para pensar, sentir ou comportar-se de determinada forma (Deci & Ryan, 2008a; Deci & Ryan, 2000; Lens et al., 2009; Deci & Vansteenkiste, 2004).

Figura 1

Tipo de Motivação	**Extrínseca**				**Intrínseca**
Tipo de Regulação	Externa	Introjectada	Identificada	Integrada	Intrínseca
Tipo de Motivação	Controlada		Autónoma		

Destes diferentes tipos de motivação surgem diferentes resultados e, segundo alguns estudos, a motivação autónoma é melhor do que a motivação controlada. A motivação autónoma aumenta a persistência, os afectos positivos, a performance e o bem-estar (Deci & Ryan, 2008; Deci & Ryan, 2008a), promove a melhoria das notas (Black & Deci, 2000, citados por Deci & Ryan, 2008), a criatividade (Koester, Ryan, Bernieri & Holt, 1984,

citados por Deci & Ryan, 2008), etc. Uma pessoa é mais autónoma ou mais controlada dependendo do grau de satisfação das necessidades psicológicas básicas (Deci & Vansteenkiste, 2004). Assim, o comportamento é autodeterminado ou autónomo quando é regulado pela escolha, enquanto é controlado quando é regulado pela aceitação (Deci et al, 1991). Podemos situar esta diferença entre escolha e aceitação tendo em conta o conceito de *locus* de causalidade (Ryan & Connell, 1989). Assim, quando o comportamento é autónomo o *locus* de causalidade é interno e quando o comportamento é controlado o *locus* de causalidade é externo (Deci et al., 1991).

Como tem vindo a ser falado até aqui, aquilo que nos interessa, acima de tudo, é a satisfação das **necessidades psicológicas básicas**[4], é para isso que agimos, é com base na sua satisfação que nos movemos e a motivação tem um grande papel no que toca ao cumprimento deste objectivo último. Por isso falamos em "melhores" ou "piores" tipos de motivação, pensando sempre na forma mais eficaz de satisfazer as necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, para que haja um bom funcionamento e saúde psicológica (Deci & Ryan, 2008a; Deci & Vansteenkiste, 2004). As necessidades são por isso os nutrientes necessários à proactividade, ao crescimento psicológico, à integridade e ao bem-estar (Deci & Ryan, 2000), ao "desenvolvimento óptimo e funcionamento autêntico" e dependem do meio envolvente, dos obstáculos (Deci & Vansteenkiste, 2004, p. 24). Estas necessidades psicológicas básicas são inatas, não são aprendidas e são por isso parte de todos os sujeitos (e.g. Chirkov, Ryan, Kim & Keplan, 2003, citados por Deci & Vansteenkiste, 2004). Podemos então definir necessidades psicológicas básicas como sendo universais mas tendo diferentes impactos nos sujeitos. Há assim diferenças individuais no que toca ao grau de satisfação ou não das necessidades (Deci & Vansteenkiste, 2004; Ryan & Deci, 2000a). A não satisfação leva a mal-estar, passividade, funcionamento alterado, etc. (Deci & Vansteenkiste, 2004; Deci & Ryan, 2000).

Estas diferenças individuais observadas ao nível da satisfação das necessidades podem ser ao nível da orientação causal e dos objectivos/aspirações de vida.

A **orientação causal** é a forma como o indivíduo se orienta para o contexto atendendo à informação que dispõe para poder começar ou regular um comportamento. É o grau de autodeterminação que o indivíduo tem em diversos domínios e situações. Existem três tipos de orientação: a orientação autónoma, a controlada e a impessoal (Deci & Ryan, 2000; Deci & Ryan, 1985). Todos temos, até certo ponto, cada uma destas orientações causais.

A **orientação autónoma** pressupõe a satisfação contínua das três necessidades psicológicas básicas e regulação dos comportamentos pelos interesses e valores pessoais (Deci & Ryan, 2000). É regulada através da escolha, através do uso da informação presente no ambiente que permite que o comportamento seja autodeterminado e esteja integrado no *self*. As pessoas com esta orientação procuram situações onde a motivação intrínseca seja valorizada (Deci & Ryan, 1985).

A **orientação controlada** tem por base a satisfação das necessidades de competência e afiliação e orientação em função do controlo e de

[4] Necessidades básicas, quer sejam fisiológicas ou psicológicas, são "um estado de energia que, se satisfeito, conduz à saúde e bem-estar mas, se não for satisfeito contribui para a patologia e mal-estar" (Ryan & Deci, 2000a, p. 74).

directivas de como deve ser o comportamento (Deci & Ryan, 2000). Não existe um verdadeiro sentimento de escolha, o comportamento é controlado por factores externos ou internos, e pode levar a comportamentos de revolta ou de obediência, sendo nenhum deles autodeterminado (Deci & Ryan, 1985).

Por último, a **orientação impessoal** implica a não satisfação das necessidades e inexistência de comportamento intencional (Deci & Ryan, 2000). Existe um sentimento de incompetência e impotência em relação aos eventos que ocorrem no contexto onde o sujeito se encontra, uma vez que estes são incontroláveis. As pessoas comportam-se sem intenções concretas sendo por isso amotivadas (Deci & Ryan, 1985).

As **aspirações de vida** podem ser analisadas pela sua força e importância. Estas variam em função da satisfação das necessidades ao longo do tempo. Se as necessidades não forem satisfeitas, adoptam-se aspirações extrínsecas que assumem o papel substituto das necessidades, compensando-as com um mecanismo externo de valor, sem as satisfazer verdadeiramente (Deci & Ryan, 2000).

Ao nível dos **objectivos de vida**, Kasser e Ryan (1996) defendem que os conteúdos dos objectivos que as pessoas perseguem a longo prazo se dividem em duas categorias. Uma que inclui ser famoso, rico e ter uma imagem atractiva e que se denomina de objectivos extrínsecos – uma vez que se focam em factores externos de valor (Lens et al., 2009) e são vistos como meios para determinada finalidade, sendo por isso focados nas recompensas externas (Kasser & Ryan, 1996); e outra que inclui o crescimento pessoal e a construção de laços significativos – e.g. afiliação – e ter valor para a comunidade e que se denomina de objectivos intrínsecos – visam a satisfação das necessidades psicológicas básicas (Lens et al., 2009) e são aqueles que estão alinhados com a tendência de crescimento (Kasser & Ryan, 1996). Para que esta satisfação das necessidades psicológicas básicas seja plena, os objectivos/aspirações de vida que os indivíduos escolhem perseguir têm de ser estar em congruência com os valores e com a orientação do individuo (Faye & Sharpe, 2008).

Depois desta contextualização das condições que são precisas para satisfazer as necessidades psicológicas básicas e das consequências e resultados que dai advém, convém agora dar uma definição mais específica sobre cada uma destas necessidades e suas particularidades para o comportamento e motivação dos indivíduos.

Desta forma, a **competência** tem a ver com a obtenção de resultados internos ou externos e como ser eficaz na execução dos comportamentos a que o sujeito se propõe (Deci et al., 1991; Deci & Vansteenkiste, 2004); é o "desejo inerente das pessoas lidarem com o ambiente de forma eficaz" (White, 1959 citado por Deci & Vansteenkiste, 2004, p. 25); "sentimento de eficácia na interação com o mundo físico e social" (Niemiec et al., 2006, p. 763; Deci & Ryan, 2000); "sentimento de eficácia, controlo nos resultados e impacto de acordo com o meio envolvente" (Faye & Sharpe, 2008, p. 189).

A **afiliação** está relacionada com a construção de ligações seguras e satisfatórias com os outros (Deci et al., 1991); criar ligações e ter preocupação pelos outros (Baumeister & Leary, 1995, citados por Deci & Vansteenkiste, 2004). Muitas das actividades que fazemos na nossa vida dependem ou envolvem outros e é por isso importante que haja um sentimento de pertença ao grupo em que se está inserido (Deci & Vansteenkiste, 2004). "O carinho e o afecto recebido das interacções com os outros resultam num sentimento de pertença (Niemiec et al., 2006, p.763;

Deci & Ryan, 2000). Esta necessidade consiste então em "conexões sociais saudáveis e relações satisfatórias" (Faye & Sharpe, 2008, p.189).

A **autonomia** refere-se à existência de iniciativa própria e à autorregulação pelas acções (Deci & Ryan, 2000), ao facto de os indivíduos "serem agentes causais e experienciar volição para agir de acordo com o seu sentido de *self*" (Deci & Vansteenkiste, 2004, p.25). Caracteriza-se por um "sentimento de escolha, de aprovação e volição no que respeita ao início, manutenção e término de um comportamento" (Niemiec et al., 2006, p.763), um "sentimento de escolha e agência (Faye & Sharp, 2008, p. 189; Deci & Ryan, 2000). A oportunidade para satisfazer estas necessidades permite ao sujeito sentir-se motivado e com vontade de agir. Por exemplo, só há oportunidade para se satisfazer a necessidade de autonomia se o sujeito não for controlado (Lens et al., 2009).

O carácter essencial e fundamental das necessidades psicológicas básicas faz com que naturalmente se procurem situações em que a sua satisfação estará garantida ou onde possa pelo menos ser proporcionada. Esta procura de situações e consequentemente do comportamento por vezes não é feita com vista à satisfação das necessidades, é feita tendo em conta o interesse, a importância e satisfação pessoal em relação a determinada tarefa (Deci & Vansteenkiste, 2004). Esta satisfação das necessidades "é o processo central pelo qual a motivação intrínseca (…) é facilitada, resultando em bem-estar e desenvolvimento optimal" (Deci & Vansteenkiste, 2004, p. 26). Nenhuma destas necessidades pode não ser satisfeita sem que isto acarrete consequências negativas, a saúde mental depende da satisfação destas três necessidades, sendo que uma ou duas não são suficientes (Deci & Ryan, 2000).

Face aos argumentos revisitados nesta secção concluiu-se que a crise socioeconómica (variável do contexto) afecta a satisfação de necessidades como a autonomia e a competência, assim como a forma como somos afectados pelo contexto ao nível da orientação causal, que tenderá a ser mais controlada em função da situação de crise vigente.

1.3. Tempo Psicológico: Perspectiva Temporal

Outro dos factores impulsionadores do comportamento e que tem um grande impacto na direcção e qualidade do mesmo é o tempo. A nossa perspectiva sobre o tempo condiciona a forma como encaramos as tarefas diárias e os desafios futuros. Como a perspectiva temporal determina grande parte das nossas acções, que por sua vez sofrem ainda a influência da motivação, para além de um estudo individual sobre este primeiro factor, importa sobretudo examinar e analisar a sua influência conjunta.

Kurt Lewin, em 1951, definiu perspectiva temporal como a "totalidade de visões individuais do futuro e do passado psicológico que existem em determinada altura" (p. 75 citado por Zimbardo & Boyd, 1999, p. 1271). Posteriormente, Nuttin (1964, 1985) defende esta visão de Lewin e diz ainda que "eventos futuros e passados têm um impacto no comportamento actual na medida em que estão efectivamente no nível cognitivo do funcionamento comportamental" (1985, p. 54 citado por Zimbardo & Boyd, 1999, p. 1271).

A **perspectiva temporal** pode ser definida como a "forma como indivíduos e culturas dividem/compartimentam as experiências humanas em categorias temporais distintas – passado, presente e futuro" (Zimbardo, Keough & Boyd, 1997, p. 1008). A perspectiva temporal está implicada em

processos como a tomada de decisão e a motivação (Gonzales & Zimbardo, 1985 citado por Zimbardo et al., 1997).

Segundo Zimbardo & Boyd (1999) é um processo fundamental, muitas vezes não consciente, do nosso funcionamento tanto individual como da sociedade. As nossas experiências são (sempre) condensadas em categorias ou *frames* temporais[5]. Este agrupamento das experiências em categorias ajuda-nos a pôr ordem e a dar sentido e coerência a essas experiências (Zimbardo & Boyd, 1999; Keough et al., 1999). Refletem ainda padrões cíclicos ou repetitivos ou eventos únicos e não lineares (Hall, 1983 citado por Zimbardo & Boyd, 1999). As categorias "são usadas para codificar, armazenar e relembrar eventos experienciados assim como para formar expectativas, objectivos, contingências e cenários imaginados" (Zimbardo & Boyd, 1999, p. 1271-1272; Keough et al., 1999, p. 150). A perspectiva temporal tem, por isso, impacto em diferentes aspectos da nossa vida. Este impacto é mediado pelo tipo de perspectiva que temos, pela categoria que enfatizamos, sendo que a perspectiva temporal afecta a tomada de decisões dependendo das influências de determinada categoria (Zimbardo et al., 1997).

Para alguns, o **passado** tem maior impacto. Nesta perspectiva em particular é comum haver comparações entre o que está a acontecer agora e aquilo que aconteceu semelhante no passado, reconstruindo cenários passados e analisando benefícios e custos. A concentração no passado e a manutenção do comportamento habitual, não proporciona novas oportunidades e situações. Este foco no passado pode comprometer as acções presentes e a sua interpretação, para além de minar a vontade intrínseca (Zimbardo & Boyd, 1999; Zimbardo et al., 1997).

Dentro da perspectiva temporal do passado podemos ter a visão negativa – passado negativo – ou a visão positiva – passado positivo. O **passado negativo** abarca as experiências negativas, eventos traumáticos e uma reconstrução negativa dos eventos. Estão presentes sentimentos de dor, arrependimento e traumas. Olha-se para o passado de forma pessimista, negativa ou aversiva. As relações interpessoais são mínimas e insatisfatórias e os indivíduos não estão motivados para trabalhar por objectivos futuros. O **passado positivo** reflete uma atitude sentimental e calorosa para com o passado. Os mais nostálgicos são mais introvertidos, não sendo este um factor inibitório no estabelecimento de relações (Zimbardo & Boyd, 1999).

Para outros indivíduos, pelo contrário, o **futuro** tem maior impacto. Aqui é normal para os indivíduos anteciparem e expectarem respostas a situações – cenários imaginários – tendo em conta o que vivem agora no presente. O futuro é então um momento de recompensa ou punição. Os indivíduos estabelecem objectivos a longo prazo, limitam-se no que respeita a recompensas imediatas e têm em conta as consequências que possam advir dos seus comportamentos. Através do estabelecimento de objectivos futuros, conseguem planear decisões e comportamentos. Esta preocupação com o futuro pode levar a um desleixe nas relações pessoais e sociais (Zimbardo & Boyd, 1999; Zimbardo et al., 1997).

No "meio" destas duas perspectivas temos aquela que está centrada no **presente**. Esta perspectiva permite que as decisões sejam tomadas de acordo com as influências sensoriais – intensidade e qualidade dos estímulos – biológicas e sociais, conjugadas com o que o meio envolvente – forças de pressão – no presente dá ao sujeito. Os aspectos mais salientes e imediatos

[5] Para facilitar a leitura irei utilizar apenas o termo categoria para designar este conceito.

dos estímulos e dos ambientes sociais são as bases do comportamento e da tomada de decisão. Os indivíduos apreciam o momento sem se preocuparem com problemas passados ou futuros, não adiam as recompensas nem fazem planos com objectivos, nem têm em atenção as possíveis consequências dos seus comportamentos (Zimbardo & Boyd, 1999; Zimbardo et al., 1997).

O presente está também dividido em duas categorias, o presente hedonista e o presente fatalista. O **presente hedonista** caracteriza-se por atitudes mais viradas para o prazer presente, pouco preocupadas com consequências futuras. Está orientado para o divertimento, prazer e excitação imediata, não esperando pelas recompensas futuras. Por seu lado o **presente fatalista** engloba sentimentos fatalistas, falta de esperança e de uma visão positiva em relação ao futuro e à vida. Existe uma ausência de uma perspectiva focada, não há objectivos (futuro), não há entusiasmo (presente) e nostalgia (passado). Para estes indivíduos o futuro é um dado adquirido e não influenciável pelas nossas acções, sendo o presente encarado com resignação pois nada se pode fazer contra o destino (Zimbardo & Boyd, 1999).

Há uma tendência natural para a "escolha" de uma destas perspectivas, isto é, inclinamo-nos mais para uma categoria de tempo, agimos e somos influenciados por determinada categoria temporal. Quando esta tendência para uma das perspectivas se torna parte cristalizada do indivíduo, falamos de um estilo disposicional, ou de diferenças individuais que nos darão pistas para a forma como as pessoas irão reagir ou responder aos desafios diários. Quando há um foco numa zona temporal desenvolve-se uma perspectiva temporal dominante que condiciona os julgamentos, decisões e acções (Nuttin & Lens, 1985, citados por de Bilde, Vansteekiste & Lens, 2011; Zimbardo & Boyd, 1999). Este foco é por isso visto como um "estilo cognitivo único de processamento de informação e de acção baseada na aprendizagem e no foco numa ou noutra dimensão temporal" (Zimbardo et al., 1997, p. 1020). Esta orientação temporal varia de grau de intensidade nas pessoas, sendo que qualquer uma pode ter resultados optimais dependendo da situação (Zimbardo & Boyd, 1999). O ideal será ter um pouco de cada uma das perspectivas formando uma perspectiva temporal balançada[6], isto é, conseguir alternar entre elas dependendo da situação específica ou das necessidades pessoais, fazendo compromissos e balançando as "experiências passadas, os desejos do presente e as consequências futuras" (Zimbardo & Boyd, 1999, p. 1272). Os diferentes usos, a extensão e saliência de determinada categoria variam em função de preferências que estão estabilizadas no estilo cognitivo do indivíduo, bem como em função da situação e exigência/estrutura das tarefas (Zimbardo et al., 1997). Em suma, podemos dizer que a nossa perspectiva temporal é condicionada pelas situações, por factores como a cultura, educação, religião, classe social e modelos familiares, e ainda que é um processo individual e diferenciado relativamente estável (Zimbardo & Boyd, 1999).

Assim, tendo em conta as considerações examinadas nesta secção, podemos especular que a crise socioeconómica terá alguns efeitos/relações

[6] Capacidade de passar entre perspectivas dependendo da exigência da situação e dos recursos pessoais. Não se define tendo em conta uma determinada perspectiva temporal mas sim uma integração de todas. Do futuro vem o foco para atingir o que se deseja, do passado (positivo) vem a estabilidade e identidade pessoal, e do presente (hedonista) vem a capacidade para aproveitar o momento presente. Nós precisamos de todas as perspectivas e que estas funcionem em harmonia para atingir melhores resultados com os melhores recursos (Keugh at al.,1999).

com a perspectiva temporal, nomeadamente com a perspectiva de futuro que será afectada por este contexto de forma negativa e a perspectiva do presente que será afectada positivamente.

1.4. Motivação e Tempo

Ficou claro até agora que a perspectiva temporal do futuro (PTF) contempla a persecução dos objectivos futuros, a preocupação com eventuais consequências e a concretização de resultados pessoais significativos. Existe portanto uma associação com a motivação para atingir as metas futuras propostas, uma vez que a perspectiva temporal de futuro evoluiu do estabelecimento de objectivos motivacionais a longo ou a curto prazo (Nuttin & Lens, 1985, citados por de Bilde et al., 2011).

Existem diferenças individuais na antecipação dos objectivos, diferenças evidenciadas na antecipação da distância a que esses objectivos se encontram ou pelo seu conteúdo (Seginer, 2009, citado por de Bilde et al., 2011).

Desta perspectiva temporal (PTF) advêm diversos aspectos positivos como as melhores notas (Zimbardo & Boyd, 1999), um maior envolvimento no trabalho escolar e mais tempo de estudo (Peetsma, 1994, citado por de Bilde et al., 2011), uso de estratégias de aprendizagem de nível profundo para processar o material (Horstmashof & Zimitat, 2007), melhor gestão de tempo (de Bilde et al., 2011) e menor procrastinação (Jackson, Fritch, Nagasaka & Pope, 2003, citados por de Bilde et al., 2011). Pelo contrário, a literatura revela-nos que a excessiva concentração na perspectiva temporal do presente focando-se no agora, em novos estímulos e sensações pode estar associada a aspectos menos positivos, como já foi descrito anteriormente (ver de Bilde et al., 2011).

Mas, ao fazermos esta distinção, estamos apenas a ressalvar que há factores que diferem, não significando isto que elas não se possam conjugar uma com a outra: antes podemos dizer que são ambas parte de um *continuum* (Strathman, Gleicher, Boninger & Edwards, 1994, citados por de Bilde et al., 2011), mas como vimos, Zimbardo & Boyd (1999) confirmam esta distinção.

Para os propósitos desta investigação, esta distinção entre perspectivas e a clarificação dos pontos positivos e negativos de cada uma delas torna-se necessária para uma fase posterior deste trabalho.

Baseado no que até agora foi dito sobre a SDT e a motivação, a qualidade da motivação instrumental tem em conta a perseguição dos objectivos futuros e o seu conteúdo. Ao direcionar-se para o futuro, a motivação presente será melhorada (neste caso nos estudantes). Estes objectivos futuros devem ser intrínsecos – actuando como motivação intrínseca – uma vez que os extrínsecos podem criar uma motivação menos adaptativa, mais controlada – dependendo do nível de identificação e integração dos objectivos do individuo – e que não satisfaça as necessidades psicológicas básicas (Lens et al., 2009).

Sabendo que a motivação dos alunos é profundamente afectada pelas concepções de futuro (Kauffman & Husman, 2004) e que os objectivos futuros são por sua vez impulsionadores das acções, de certa forma são o para quê de uma actividade presente (Lens et al., 2009), torna-se, pois, clara a pertinência da junção destes dois temas num mesmo trabalho. Mais ainda, segundo Eccles & Wigfield (2002, citados por de Bilde et al., 2011) a escola é orientada para o futuro, pelo seu valor utilitário, ou seja, é um local de expressão dos objectivos futuros. Mas nem todos os alunos têm uma ideia

clara do seu futuro. Os que não a possuem ficam diminuídos, uma vez que não usufruem das vantagens que advêm de uma visão da importância do sucesso académico para a obtenção desses objectivos a longo prazo. Pelo contrário, os que têm já uma ideia clara do futuro e que dessa forma já percebem o valor da escola para alcançarem esses resultados almejados estão posicionadas mais vantajosamente (de Bilde et al., 2011).

Nesta secção quando nos referimos aos objectivos e à motivação fizemos uso do conceito do tempo, afirmando que este constitui um factor importante na motivação e no comportamento dos indivíduos. De facto, segundo Nuttin (1964, p.63, citado por Lens et al., 2009) "o futuro é o nosso espaço motivacional primário"[7]. O futuro para cada indivíduo é um espaço em que os objectivos motivacionais são definidos e onde se espera que estes sejam concretizados e originem grandes resultados (Lens et al., 2009). Desta forma, pensando no futuro motivamo-nos no presente. "Ao desenvolvermos uma perspectiva temporal longa e dinâmica" com objectivos pessoalmente importantes mas realistas para o nosso futuro estamos a fazer com que no presente atribuamos instrumentalidade ao nosso comportamento (Lens et al., 2009). Esta perspectiva temporal longa permite uma antecipação das consequências das acções presentes e com isto elaborar planos e projectos mais longos. Em suma, com uma perspectiva temporal de futuro[8] aumentamos a força da motivação que impulsiona as acções de hoje (Eccles & Wigfield, 2002, citados por Lens et al., 2009).

Existem dois aspectos importantes na perspectiva temporal de futuro que ajudam a perceber a carga motivacional que cada individuo percepciona: o aspecto cognitivo – olhar para o futuro distante conseguindo estruturar objectivos significativos – e o aspecto dinâmico – atribuição de valor aos objectivos a longo prazo (Simons, Vansteenkiste, Lens & Lacante, 2004).

De acordo com De Volder & Lens (1982) os estudantes que conseguem associar mais valor aos objectivos a longo prazo e mais instrumentalidade à escola, estarão certamente mais motivados e terão melhores resultados. Desenvolver uma perspectiva temporal de futuro através de objectivos importantes e realistas faz com que a motivação presente aumente através da distância a que estão e da sua instrumentalidade (De Volder & Lens, 1982). Indivíduos com uma longa perspectiva temporal de futuro vêem o comportamento actual como sendo mais instrumental uma vez que este pode resultar na satisfação dos objectivos actuais e futuros (aspecto cognitivo) assim como valorizam o comportamento actual porque antecipam o valor do objectivo futuro (aspecto dinâmico) (Simons et al., 2004).

Assim, defende-se que os alunos com uma perspectiva temporal de futuro mais longa e profunda estrarão mais motivados para o seu trabalho escolar (estudar) pelo seu valor instrumental que os levará a resultados pretendidos (de Bilde et al., 2011), têm assim uma atitude mais positiva para com a escola e persistem em tempo de dificuldades (Horstmanshof & Zimitat, 2007).

---

[7] "O futuro psicológico não é apenas um efeito de aprendizagem do passado, é essencialmente relacionado com a motivação... o futuro é a qualidade temporal do objectivo; o futuro é o nosso espaço motivacional primário" (Nuttin, 1964, p.63, citado por Husman & Lens, 1999, p. 114).

[8] A perspectiva temporal de future (FTP) é um conceito cognitivo-motivacional porque resulta do estabelecimento de objectivos motivacionais (Nuttin, 1980, citado por Simons et al., 2004) e porque há efeitos motivacionais que estão relacionados com diferenças individuais que advém da extensão da FTP.

Nota-se então que se os alunos perceberem e integrarem no seu sentido de *self* o significado dos objectivos a longo prazo, estão intrinsecamente motivados, estando assim a perspectiva temporal de futuro associada a este tipo de motivação. Não há, por isso, associação entre a perspectiva temporal de futuro e a regulação externa (motivação extrínseca) (de Bilde et al., 2011). Na verdade, teoricamente, espera-se que esta esteja positivamente associada à regulação identificada (Lens et al., 2012).

A perspectiva temporal do presente está também negativamente associada com a motivação intrínseca uma vez que o divertimento/prazer/alegria nas duas categorias (perspectiva temporal e motivação) poderá ter significados diferentes (Ryan & Deci, 2001, citados por de Bilde et al.,2011).

Por último, a motivação presente que deriva de objectivos futuros é extrínseca mas, como já vimos, nem todos os tipos de motivação extrínseca são indesejados (Lens et al., 2012).

Esta ligação da SDT com o futuro não é feita de forma explícita na teoria, mas vê-se a influência mútua uma vez que se lidam com os efeitos dos comportamentos a longo prazo através dos objectivos futuros, extrínsecos e intrínsecos, assim como com o contexto autónomo ou controlado em que são perseguidos. Esta noção de objectivos futuros é consistente com a leitura que procurámos desenvolver (ver também Simons et al, 2004).

Depois de evidenciada a relação entre o que nos motiva e o momento em que exercemos essa motivação, torna-se clara a importância de trabalhar o conceito de motivação e perspectiva temporal quando falamos nos condicionantes na vida dos estudantes universitários.

II - Objectivos

Esta investigação pretende analisar a influência da actual crise socioeconómica no tipo de motivação e na perspectiva temporal dos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra.

Tendo em conta o estado actual do país e as dificuldades que atravessamos, é importante perceber como o contexto influencia a motivação e a perspectiva temporal, ambos fatores relevantes para o sucesso académico dos alunos do Ensino Superior.

Mais especificamente, esta investigação tem os seguintes objectivos:

1. Determinar de que forma a crise socioeconómica afecta a vida dos estudantes da Universidade de Coimbra, em particular visamos obter uma resposta para as seguintes questões:
    a) Qual a influência da crise na sua vida quotidiana?
    b) Qual o impacto da crise ao nível pessoal?
    c) Quais os efeitos da crise ao nível do receio que o estudante possa ter a respeito do seu futuro?
    d) Qual o impacto geral da crise, ou seja, em que dimensões da sua vida a crise teve mais impacto?
    e) Qual a influência do desemprego no impacto direto da crise?
2. Determinar qual o tipo de orientação causal predominante nos alunos do 1º ano e quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas:
    a) Qual a orientação causal predominante?
    b) Quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas?

c) Qual a relação entre a orientação causal e as necessidades psicológicas básicas?
d) Qual a relação entre as variáveis da motivação e a crise socioeconómica?

3. Determinar o tipo de perspectiva temporal:
   a) Qual o tipo de orientação temporal predominante (e.g. passado, presente ou futuro)?
   b) Qual a relação entre a perspectiva temporal e a crise socioeconómica?

III - Metodologia

3.1. Amostra

A amostra desta investigação é do tipo não probabilístico, ou de conveniência, incluindo um total de 78 estudantes do Ensino Superior, mais especificamente, alunos do 1º ano que frequentam a Universidade de Coimbra. Destes estudantes 19 são do sexo masculino (75,6%) e 59 são do sexo feminino (24,4%).

As idades estão compreendidas entre os 18 e os 28 anos, sendo a média para o conjunto da amostra de 19,23 anos (*DP* = 2,16).

Esta amostra é composta por estudantes de diferentes cursos, entre eles, o Mestrado Integrado em Psicologia (N=12), o Mestrado Integrado em Medicina (N=15), a Licenciatura em Biologia (N=9), Licenciatura em Filosofia (N=2), Licenciatura em Jornalismo (N=14), Ciências da Informação Arquivística e Biblioteconómica (N=6), Licenciatura em Línguas Modernas (N=5), Licenciatura em Turismo, Lazer e Património (N=2), Mestrado Integrado em Arquitectura (N=5), Licenciatura em Design e Multimédia (N=3), Licenciatura em Engenharia Física e Engenharia Mecânica (N=2), Licenciatura em Ciências da Educação (N=1), Licenciatura em Gestão (N=1) e Licenciatura em Relações Internacionais (N=1).

Convém desde já anotar que o tipo de amostragem adoptado nesta investigação e a dimensão da amostra observada condicionam, obviamente, o grau de generalização dos resultados da amostra para o universo (população) intencionado, pelo que o escopo do estudo é vincadamente exploratório e heurístico.

3.2. Instrumentos

Para esta investigação foi usada uma bateria de instrumentos incluindo o Questionário Sociodemográfico e Socioeconómico, a Escala de Orientações Gerais de Causalidade (Silva & Paixão, 2013), o Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo (Ortuño, 2007) e a Escala de Necessidades Psicológicas Básicas – Geral (Amaral & Franco-Borges, 2008).

3.2.1. Questionário Sociodemográfico e Socioeconómico

Este questionário foi desenvolvido para a obtenção dos diversos dados pretendidos para o propósito da presente investigação. O questionário sociodemográfico permite obter informação, por exemplo, sobre a idade, o sexo, estado civil, situação familiar e percurso académico. A parte destinada à situação socioeconómica permite aferir acerca da existência de familiares desempregados, influências da crise na vida dos estudantes e percepções sobre o futuro. As respostas são de escolha forçada, ou seja, os estudantes

respondem de acordo com o que se adequa à sua situação, à excepção da última questão que é de resposta aberta (ver anexo I).

3.2.2. Escala de Orientações Gerais de Causalidade

Esta escala foi desenvolvida por Deci & Ryan em 1985 e apresenta na sua versão original, vinhetas que descrevem diferentes situações, que são seguidas por três respostas possíveis a essa situação. Cada uma destas respostas representa um tipo de orientação: autónoma (A)[9], controlada (C)[10] e impessoal (I)[11]. Cada uma das respostas está cotada numa escala de 7 pontos (1 e 2 – muito pouco provável; 3 a 5 – moderadamente provável; 6 e 7 – muito provável), podendo assim avaliar-se se aquele comportamento, pensamento ou sentimento é ou não característico da forma habitual de agir e responder dos indivíduos. Em cada uma das vinhetas é cotada a autonomia, o controlo e a impessoalidade. No total são 12 vinhetas, cada uma com 3 respostas, ou seja 36 itens no total. Há assim 12 itens que avaliam a orientação autónoma, 12 que avaliam a orientação controlada e 12 que avaliam a orientação impessoal. A cotação é feita somando os resultados de cada uma das respostas em determinado item. Em cada subescala pode ser obtido o valor mínimo de 12 pontos e valor máximo de 84 pontos. Os resultados mais elevados em qualquer uma das subescalas indicam que a pessoa tem mais características daquela orientação. Em termos de consistência interna a subescala da autonomia apresenta um α=,74, a subescala do controlo apresenta um α=,69 e a impessoal apresenta um α=,74 (Deci & Ryan, 1985a).

A aferição desta escala para a população portuguesa foi feita por Paixão e Silva (e.g. Silva e Paixão, 2013), mantendo todas as características da escala original. As medidas de consistência interna das subescalas, neste primeiro estudo foram as seguintes: orientação autónoma, α=,68, orientação controlada, α=,59 e para a orientação impessoal, α=,78.

Na presente investigação, os valores de consistência interna para a orientação autónoma são de α=,80, α=,70 para a orientação controlada e α=,81, para a orientação impessoal. Estes resultados são bastante satisfatórios do ponto de vista psicométrico (Nunnally & Bernstein, 1994).

3.2.3. Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo

Este inventário foi desenvolvido por Zimbardo & Boyd (1999) e é constituído por 56 itens (frases) em que é pedido ao sujeito que indique, de uma escala de tipo Likert de 5 pontos (1 – nunca é verdadeiro e 5 – sempre é verdadeiro), se aquela frase é ou não característica do representante.

O inventário é constituído por 5 subescalas: Passado Negativo (visão negativa e aversiva do passado), que tem 10 itens que explicam 12,3% da variância, e um α=,82; Presente Hedonista (visão hedonista e propensa a

[9] Os sujeitos têm escolha e iniciativa em relação aos comportamentos estando estes integrados nos seus objectivos pessoais e no *self*. Promove a autodeterminação, e com valores elevados deste tipo de orientação, os sujeitos estão mais motivados intrinsecamente e recorrem menos a recompensas externas (Deci & Ryan, 1985a).

[10] Os comportamentos estão directamente associados a determinados resultados havendo por isso intencionalidade mas o *self* é um agente passivo quando se trata de regular a acção e de a escolher. Promove a aceitação ou revolta. Recorrem mais a prazos e vigilância para se motivarem, tendo assim as recompensas externas um papel muito importante (Deci & Ryan, 1985a).

[11] Não há escolha ou competência, os sujeitos são passivos a todas as forças exteriores, uma vez que estas a seu ver são incontroláveis. Promove a amotivação e está associada a sentimentos depressivos e à falta de intencionalidade (Deci & Ryan, 1985a).

comportamentos de risco em relação à vida e ao tempo), que tem 15 itens que explicam 8,9% da variância e um α=,79; Futuro (orientação geral para o futuro), composta por 13 itens que explicam 6,3% da variância e um α=,77; Passado Positivo (visão sentimentalista para com o passado), que tem 9 itens que explicam 4,5% da variância e um α=,80; e Presente Fatalista (visão fatalista, sem esperança sobre o futuro e a vida), com 9 itens que explicam 3,9% da variância e um α=,74 (Zimbardo & Boyd, 1999).

A aferição do inventário para a população portuguesa foi feita inicialmente por Victor Ortuño em 2007. Nesta versão portuguesa, as 5 subescalas têm níveis de consistência interna satisfatórios, nomeadamente o Presente Hedonista com α=,80, o Passado Negativo com α=,80, o Presente Fatalista com α=,69, o Futuro com α=,72 e o Passado Positivo com α=,64. Na versão portuguesa esta estrutura de 5 factores é congruente com a versão original de Zimbardo & Boyd de 1999 (Ortuño & Gamboa, 2009).

No presente estudo as 5 subescalas também apresentam níveis de consistência interna satisfatórios, nomeadamente, o Passado Negativo com α=,87, o Passado Positivo com α=,74, o Presente Hedonista com α=,85, o Presente Fatalista com α=,79 e o Futuro com α=,79.

3.2.4. Escala das Necessidades Básicas Psicológicas

Esta escala foi desenvolvida por Deci & Ryan em 2000 e contém contendo um conjunto de subescalas: uma que se refere à satisfação das necessidades em geral e ainda algumas outras direccionadas para domínios específicos, por exemplo, o trabalho e as relações interpessoais. A que usámos neste estudo é a escala geral que é composta por 21 itens e que mede conteúdos dizendo respeito às necessidades psicológicas básicas: a autonomia, a competência e o relacionamento. A subescala da autonomia é composta por 7 itens, a da competência tem 6 itens e a da afiliação tem 8 itens. A cotação é feita com base numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 – não é de forma alguma verdadeiro; 5 – totalmente verdade).

Na adaptação portuguesa da escala, feita por Amaral & Franco-Borges, em 2010, a escala é composta por 19 itens e mantém as 3 subescalas da escala original. Os valores de consistência interna das subescalas, nesse estudo, são α=,72 para a autonomia, α=,62 para a competência e α=,74 para a afiliação (Amaral & Franco-Borges, 2010).

Na presente investigação, a autonomia tem um α=,73, a competência tem um α=,78 e a afiliação com um α=,85, sendo estes resultados muito satisfatórios do ponto de vista da consistência interna.

3.3. Procedimento

Os dados foram recolhidos com recurso a um questionário *online* através do programa LimeSurvey 2.0. Este questionário foi divulgado por professores, ou coordenadores, de cursos/departamentos das diferentes Faculdades da Universidade de Coimbra. Foi também feita a divulgação através de *e-mail* e das redes sociais, nomeadamente o *Facebook*. A participação foi voluntária e a confidencialidade das respostas foi garantida. Os dados recolhidos foram introduzidos no programa IBM SPSS *Statistics* 20.0 (versão para Windows).

IV - Resultados

Os resultados que serão apresentados nesta secção têm como objectivo principal explorar o impacto da crise socioeconómica em que

estamos mergulhados desde 2008, em diferentes graus de generalidade (desde aspectos mais gerais até aos mais específicos). Pretende-se ainda examinar se a orientação causal predominante, o grau de satisfação das necessidades psicológicas básicas dos respondentes (variáveis da motivação) e ainda as perspectivas temporais predominantes (variável do tempo psicológico), estão correlacionadas (e se afirmativamente, de que forma) com o grau percebido (subjectivo) do impacto da crise socioeconómica dos estudantes inquiridos. As relações bivariadas entre as variáveis do conjunto motivacional (necessidades psicológicas básicas e orientação causal) foram igualmente alvo de atenção.

Para uma apresentação geral dos resultados de cada uma das variáveis, começámos por realizar análises descritivas básicas (tendência central e variabilidade). Para as relações entre as variáveis da motivação e do tempo foram realizadas correlações recorrendo ao coeficiente produto-momento de Pearson. As análises de tipo correlacional foram de igual forma usadas para examinar o padrão de relações entre os dois conjuntos de variáveis psicológicas usados nesta investigação (Pallant, 2002).

4.1. Determinar de que forma a crise socioeconómica afecta a vida dos estudantes da Universidade de Coimbra:

a) Qual a influência da crise na sua vida quotidiana?

Os estudantes tinham de indicar no máximo quatro situações onde a crise tinha tido maior influência na sua vida. Onde se notou maior influência (ver Tabela 1) foi nos itens "Deixei de fazer/faço menos compras", com 80,8% de respostas positivas (N=63), "Deixei de ir/vou menos ao cinema" com 57,7 % de respostas positivas, "Deixei de fazer/faço menos refeições fora de casa", com 53,8% de respostas positivas e "Deixei de fazer/faço menos actividades de lazer que impliquem pagamento (ginásio, etc.)", com 57,7% de respostas positivas. Os itens em que se verificou menor influência foram "Solicitei um empréstimo" com todas as respostas negativas, "Já não vou de/tenho menos de férias" com 57,7% de respostas negativas, "Tive de fazer alguns cortes na alimentação" com 93,6% de respostas negativas, "Já não saio/saio menos com os meus amigos" com 65,4% de respostas negativas.

Estes resultados permitem concluir que os cortes que são impostos pela crise são feitos mais ao nível dos bens mais supérfluos (de menor necessidade), embora também vejamos que isso não aconteceu em todos os casos.

Tabela 1. Influências da crise na vida dos estudantes.

		Frequência	Percentagem %
Deixei de fazer/faço menos compras.	Não	15	19.2
	Sim	63	80.8
Solicitei um empréstimo.	Não	78	100
Deixei de ir/vou menos ao cinema.	Não	33	42.3
	Sim	45	57.7
Já não vou de/tenho menos de férias	Não	45	57.7
	Sim	33	42.3
Tive de fazer alguns cortes na alimentação.	Não	73	93.6
	Sim	5	6.4
Já não saio/saio menos com os meus amigos.	Não	51	65.4
	Sim	27	34.6
Deixei de fazer/faço menos refeições fora de casa.	Não	36	46.2
	Sim	42	53.8
Deixei de fazer/faço menos actividades de lazer que impliquem pagamento (ginásio, etc.).	Não	33	42.3
	Sim	45	57.7

Adoptando uma visão mais geral (ver Tabela 2), 49 estudantes (62,8%) assinalaram 4 influências da crise na sua vida, 17 (21,8%) assinalaram 3 influências da crise, 4 estudantes (5,1%) assinalaram 2 influências da crise, 5 estudantes (6,4%) assinalaram 1 influência e 3 (3,8%) não assinalaram nenhuma influência. A média é de 3,33 (*DP* = 1,09), o que nos permite também concluir que a maior parte dos estudantes sofre influência da crise em pelo menos três ocasiões.

Tabela 2. Influências da crise na vida dos estudantes - total

		Frequência	Percentagem %
Número de influências da crise	0	3	3,8
	1	5	6,4
	2	4	5,1
	3	17	21,8
	4	49	62,8
	Total	78	100.00

b) Qual o impacto da crise ao nível pessoal?

Por forma a avaliamos o impacto pessoal da crise, pedimos aos estudantes que nos dissessem de que forma a crise os afecta pessoalmente. Como era uma pergunta de resposta aberta e opcional, apenas parte da amostra respondeu a esta questão (N=43). Como as respostas abarcavam por vezes muita informação dispersa procedemos à formação de categorias onde as respostas melhor se poderiam encaixar (tendo em consideração as semelhanças de conteúdo). No total criámos 6 categorias. Como podemos ver na Tabela 3, as respostas essencialmente dão conta de uma mudança de hábitos e de estilo de vida que implicam *contenção de gastos e maior poupança*. Outra das categorias mais mencionadas foi o esforço dos pais para conseguirem garantir a estadia dos estudantes na Universidade. O investimento no curso e outras formas de se tornarem mais apelativos para o mercado de trabalho são também consequências da crise, assim como a descrença no futuro e no curso como chave para um futuro melhor. A

emigração é outra das consequências da crise a nível pessoal.

Tabela 3. Impacto pessoal da crise

	Frequência	Percentagem %
Sem resposta	35	44,9
Não sente a crise	1	1,3
Sente a crise	1	1,3
Os meus pais sentem a crise (cortes nos ordenados, subsídios de férias, bolsas de estudo e desemprego)	9	11,5
Mudança de hábitos/estilos de vida, contenção de gastos, cortes em supérfluos, preços mais baixos, poupança/gestão	22	28,2
Investimento no curso, procura de outras saídas, empregos e formações, emigração	3	3,8
Incerteza no futuro, mais-valia do curso e pressão para terminar o curso	7	9,0
Total	78	100,0

c) Quais os efeitos da crise ao nível do receio que possa ter a respeito do seu futuro?

Neste item em particular, que poderá ser um dos indicadores singulares mais importantes no nosso estudo, do impacto da crise socioeconómica na vida dos estudantes, como é mostrado na Tabela 4, sessenta e nove estudantes (88,5%) indica ter receio acerca do futuro, pelo que fica claro que para a maioria dos estudantes inquiridos, a situação actual implica a existência de uma grande apreensão e incerteza relativamente ao seu futuro.

Tabela 4. Tem receio do seu futuro?

	Frequência	Percentagem %
Não	9	11,5
Sim	69	88,5
Total	78	100,0

d) Qual o impacto geral da crise, ou seja, em que dimensões da sua vida a crise teve mais impacto?

De seguida, construímos um indicador compósito que procurasse apreender o impacto global da crise socioeconómica. Este impacto global da crise tem em conta as respostas dadas no item "Tem receio do futuro?", "Influência da crise na escolha do curso superior", "Esforço adicional dos pais para estar no ensino superior", "Incerteza do futuro condiciona a sua estadia no ensino superior" e "Qual a influência da crise na sua vida". Tendo em conta que este último item pode ter valores até 4 (número máximo de escolhas possíveis), o valor máximo que aqui pode ser atingido é 8 (onde o sujeito pontuou em todas os itens) e o valor mínimo é 0 (não pontuou em nenhum item).

Assim, como vemos na Tabela 5, 8 estudantes (10,3%) tiveram pontuação máxima possível no indicador glocal da crise na sua vida (total de 8 assinalados), 26 estudantes (33,3%) têm 7 itens, 34 estudantes (43,6%)

apresentam 5 ou 6 itens, 5 estudantes (6,4%) apresentam 3 ou 4 itens, 4 estudantes (5,1%) tem 1 ou 2 itens e apenas 1 estudante (1,3%) afirma que não nenhum item da crise tem impacto na sua vida.

Os resultados observados mostram que a percepção do impacto da crise na vida dos estudantes é predominantemente elevado. De facto, como pode ver-se na Tabela 5, 57 estudantes, ou seja, 73,1% da amostra, afirmam que a crise tem bastante, muito ou um impacto total nas suas vidas.

Tabela 5. Impacto global da crise.

	Frequência	Percentagem %
Nenhum impacto	1	1,3
Pouco impacto	4	5,1
Impacto moderado	5	6,4
Bastante impacto	34	43,6
Muito impacto	26	33,3
Impacto total	8	10,3
Total	78	100,0

Legenda: Nenhum impacto – 0; Pouco impacto – 1/2; Impacto moderado – 3/4; Bastante impacto – 5/6; Muito impacto – 7; Impacto total 8.

e) Qual a influência do desemprego na percepção da crise?

Aqui foram formadas quatro categorias, "sem familiares desempregados", "Sim, parentes próximos" (excluindo os pais), "Sim, pai *ou* mãe" e "Sim, pai *e* mãe". Os resultados foram os seguintes (ver Tabela 6), 51 estudantes (65,4%) não têm familiares desempregados, 12 estudantes (15,4%) têm parentes próximos desempregados, 14 estudantes (17,9%) têm o pai ou a mãe desempregados e 1 estudante (1,3%) tem ambos os pais desempregados.

Tabela 6. Familiares desempregados.

	Frequência	Percentagem %
Sem familiares desempregados	51	65,4
Sim, parentes próximos	12	15,4
Sim, pai *ou* mãe	14	17,9
Sim, pai *e* mãe	1	1,3
Total	78	100,0

Uma vez que isoladamente estes resultados pouco acrescentam aos recolhidos no indicador que avalia o impacto global da crise, talvez faça sentido, nas análises subsequentes conduzir uma análise mais profunda com recurso aos dados fornecidos pelo indicador compósito.

4.2. Determinar qual o tipo de orientação causal predominante nos alunos do 1º ano e quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas.

a) Qual a orientação causal predominante?

Para avaliar o tipo de orientação causal predominante, usámos a estatística descritiva referente às médias de cada uma das subescalas, uma vez que a presença de um tipo de orientação não invalida a presença de outro tipo (Tabela 7).

Desta forma, a subescala da orientação autónoma tem uma média de aproximadamente 66,41 (*DP* = 8,78), a subescala da orientação controlada tem uma média de aproximadamente 50,79 (*DP* = 8,58) e a subescala impessoal tem uma média de aproximadamente 40,10 (*DP* = 11,08).

Podemos então dizer que os estudantes estão orientados predominantemente para a autonomia. Este facto pode interpretar-se como significando que os estudantes sentem ter mais campo de escolha e de iniciativa em relação aos comportamentos, que são mais autodeterminados e que estão motivados intrinsecamente. A orientação controlada surge em segundo plano, sendo que esta exerce alguma influência, mas em menor escala. Aqui os estudantes sentem que os seus comportamentos estão relacionados com os resultados sendo um agente passivo no acto da escolha e recorrem mais a recompensas externas. Por último, a orientação impessoal é que tem menos influência, corroborando por isso os valores mais elevados da orientação autónoma.

Tabela 7. Orientação Causal

	Média	Desvio Padrão
Orientação Autónoma	66,41	8,78
Orientação Controlada	50,79	8,58
Orientação Impessoal	40,10	11,08

b) Quais as necessidades psicológicas básicas mais ou menos satisfeitas?

Para respondermos a esta questão acerca das necessidades psicológicas básicas, usámos igualmente a estatística descritiva assente nas médias de cada uma das subescalas; procura-se deste modo, ver qual delas está mais ou menos satisfeita (Tabela 8).

Desta forma, a subescala da autonomia tem uma média de aproximadamente 17,67 (*DP* = 3,51), a subescala da competência tem uma média de aproximadamente 20,55 (*DP* = 4,32) e a subescala da afiliação tem uma média de aproximadamente 30,92 (*DP* = 5,49).

Os resultados revelam que estudantes têm a necessidade de afiliação mais satisfeita, ou seja, têm ligações seguras bem estabelecidas e satisfatórias. A necessidade que surge a seguir é a da competência, ou seja, existe obtenção de resultados por parte dos estudantes e um sentimento de eficácia nos comportamentos por si executados. Por emerge a necessidade da autonomia, o que indica a existência de iniciativa própria em relação aos comportamento os indivíduos.

Tabela 8. Necessidades Psicológicas Básicas

	Média	Desvio Padrão
Autonomia	17,67	3,51
Competência	20,55	4,32
Afiliação	30,92	5,49

c) Relação entre a orientação causal e as necessidades psicológicas básicas.

Entre as duas variáveis da motivação existem diferentes relações que iremos de seguida expor.

Primeiramente, entre os diferentes tipos de orientação causal puderam observar-se relações de diversos tipos (Tabela 9). Entre a orientação autónoma e a orientação controlada existe uma relação positiva (r = ,58). Esta relação é contraditória, do ponto de vista teórico, apesar da sua magnitude, uma vez que a orientação autónoma prevê que os estudantes regulem os seus comportamentos através da escolha e da motivação intrínseca, enquanto a orientação controlada prevê o contrário. Apesar de contraditória, esta relação é significativa (p < ,01). Entre a orientação autónoma e a orientação impessoal a relação é também positiva (r = ,34), sendo esta mais uma vez contraditória pelas características da orientação impessoal que implica sentimentos de impotência e amotivação. Esta é uma relação igualmente estatisticamente significativa (p < ,01). Entre a orientação controlada e a orientação impessoal existe uma relação positiva (r = ,60) e também significativa (p < ,01). Esta relação é mais clara do que as anteriores, atendendo à definição de ambos os construtos.

Seguidamente iremos apresentar as relações entre as diferentes necessidades psicológicas básicas. Assim entre a autonomia e a competência existe uma relação positiva (r = ,73). Esta relação é teoricamente congruente uma vez que a autonomia prevê iniciativa própria e autorregulação das acções pelo que o sentimento de eficácia e competência associado a estes comportamentos será tanto maior quanto for a autonomia. Esta relação é estatisticamente significativa (p < ,01). Entre a autonomia e a afiliação existe também uma relação positiva (r = ,47) e também ela significativa (p < ,01). Entre a competência e a afiliação existe uma relação positiva (r = ,518) e significativa (p < ,01).

Por fim, entre as duas variáveis da motivação foram encontradas relações teoricamente inesperadas e por isso intrigantes. Entre a orientação autónoma e a necessidade de autonomia existe uma relação negativa (r = -,05), mas não significativa. Seria de esperar uma relação positiva entre estas duas variáveis mas tal não se verificou. Entre a orientação autónoma e a necessidade de competência a relação é positiva (r = ,03), e também não é significativa. Entre esta mesma orientação e a necessidade de afiliação a relação é positiva (r = ,25) e significativa (p < ,05). Estas duas últimas relações são mais espectáveis face aos pressupostos da SDT. Entre a orientação controlada e a necessidade de autonomia a relação é negativa (r = -,22), assim como com a necessidade de competência (r = -,17) e a necessidade de afiliação (r = -,02). Qualquer uma destas relações não é significativa, e os resultados não são os esperados. Por último, entre a orientação impessoal e as necessidades de autonomia, competência e afiliação as relações são todas negativas (r = -,56, r = -,62 e r = -,34, respectivamente), sendo todas estas relações significativas (p < ,01).

Tabela 9. Relação entre a Orientação Causal e as Necessidades Psicológicas Básicas

	Orientação Autónoma	Orientação Controlada	Orientação Impessoal	Autonomia	Competência
Orientação Autónoma	1				
Orientação Controlada	,583**	1			
Orientação Impessoal	,338**	,596**	1		
Autonomia	-,052	-,222	-,561**	1	
Competência	,026	-,171	-,618**	,733**	1
Afiliação	,254*	-.024	-,340**	-,474**	,518**

* A correlação é significativa ao nível 0.05 (bilateral)
** A correlação é significativa ao nível 0.01 (bilateral)

d) Relação entre as variáveis da motivação e a crise.

Para avaliarmos a relação entre estas duas variáveis, analisámos as correlações de Pearson entre elas com o propósito de determinar quais as subescalas que se relacionam de forma estatisticamente significativa.

Os resultados obtidos na relação da Orientação Causal e a Crise (indicador compósito calculado da forma já anteriormente referida), indicam que entre a orientação autónoma e a crise existe uma relação positiva (r = ,19), ou seja, quando a orientação causal é mais predominante, o impacto da crise também é maior. Este tipo de orientação pressupõe escolha e volição nos comportamentos, pelo que a sua relação pressupunha-se que fosse negativa. Esta relação, porém, não é estatisticamente significativa (p > ,05). Ou seja, esta relação pode explicar-se por efeitos aleatórios e espúrios, não devendo ser-lhes atribuído um significado sistemático

Entre a orientação controlada e a crise a relação é também positiva (r = ,22), sendo que quanto mais controlada, ou seja, quanto menor o sentimento de escolha e maior controlo externo, mais influenciado pela crise o sujeito será. Neste sentido os resultados são congruentes. Mais uma vez, embora haja relação, esta não é significativa (p > ,05).

Por último, entre a orientação impessoal e a crise, a relação também é positiva (r = ,24). Tendo em conta que a orientação impessoal implica um sentimento de impotência em relação ao futuro e a própria vida do sujeito, a sua relação positiva e significativa (p < ,05) é esperada e vai de acordo ao esperado.

Os resultados obtidos na relação das Necessidades Psicológicas Básicas e a Crise (indicador compósito) mostram que a autonomia relaciona-se negativamente com a crise (r = -,28). Assim, quanto mais autónoma, quanto mais iniciativa própria e maior regulação dos comportamentos o sujeito tiver, menos impacto da crise sentirá. Esta relação é significativa (p < ,05).

Entre a competência e a crise a relação também é negativa (r = -,30). Desta forma, quando maior for a obtenção de resultados internos e externos e quanto maior foi o sentimento de eficácia, menos será o impacto da crise nos comportamentos. Mais uma vez, a relação é significativa (p < ,01).

Ainda, entre a afiliação e a crise, a relação é mais uma vez negativa (r = -,19). A construção de ligações forte se seguras e o sentimento de pertença a um grupo será tanto maior quanto menor for o impacto da crise. Neste caso, embora haja relação, esta não é significativa (p > ,05).

4.3. Determinar o tipo de perspectiva temporal.

a) Qual o tipo de orientação temporal predominante?

Para avaliar o tipo de perspectiva temporal predominante, usámos, mais uma vez, a estatística descritiva procedendo-se ao cálculo das médias de cada uma das subescalas, o que nos permitirá dizer qual dos tipos orientação causal é (menos) mais característica nos estudantes (Tabela 10).

Assim, a subescala do Passado Negativo tem uma média de aproximadamente 30,95 (*DP* = 8,30), a subescala do Passado Positivo tem uma média de aproximadamente 32,08 (*DP* = 5,85), a subescala do Presente Hedonista tem uma média de aproximadamente 53,56 (*DP* = 8,68), a subescala do Presente Fatalista tem uma média de aproximadamente 23,26 (*DP* = 6,02) e a subescala do Futuro tem uma média de aproximadamente 47,87 (*DP* = 7,25).

Podemos então dizer que os estudantes são predominantemente orientados para o Presente Hedonista, isto é, estão orientados para o prazer presente sem ter em conta possíveis consequências futuras. Estão também orientados para o Futuro, o que significa que têm objectivos a longo prazo bem definidos e que têm em conta consequências futuras para os seus actos presentes. O Presente Fatalista apresenta os valores mais baixos, o que pode significar que não existe falta de esperança e existe uma visão positiva em relação ao futuro.

Tabela 10. Perspectiva Temporal.

	Média	Desvio Padrão
Passado Negativo	30,95	8,30
Passado Positiva	32,08	5,85
Passado Hedonista	53,56	8,68
Passado Fatalista	23,26	6,02
Futuro	47,87	7,25

b) Relação entre a perspectiva temporal e a crise.

Para avaliar a relação entre a perspectiva temporal e a crise (indicador compósito anteriormente construído) calculamos a correlação de Pearson entre estas variáveis. Isto permite-nos saber qual a relação entre estas variáveis e se esta é significativa ou não.

A relação entre a crise e o Passado Negativo é positiva (r = ,31), isto é, à medida que os valores do Passado Negativo aumentam os da Crise também aumentam. Uma vez que esta perspectiva tem em conta os acontecimentos passados que foram negativos e traumáticos, a sua relação positiva com a crise torna-se clara. Esta relação é estatisticamente significativa (p < ,01).

A relação da crise com o Passado Positivo é negativa (r = -,14), ou seja, à medida que os valores da perspectiva temporal aumentam, os da crise diminuem e vice-versa. Desta forma, ao relacionamos o Passado Positivo, que prevê uma atitude sentimental e calorosa para com o passado e a crise é normal que a relação seja negativa. Esta correlação, no entanto, não é significativa (p > ,05).

A relação entre a crise e o Presente Hedonista é positiva (r = ,16), isto é, à medida que os valores de uma aumentam os outros também aumentam. Esta perspectiva sugere que é dada mais relevância ao momento presente e não existe preocupação com as consequências futuras do

comportamento. A sua relação positiva com a crise pode entender-se uma vez que quanto maior é o impacto da crise, mas focados no presente estão os sujeitos. Esta relação, embora existente, não é significativa (p > ,05).

A relação entre a crise e o Presente Fatalista é também positiva (r = ,37). O Presente Fatalista pressupõe a falta de esperança e de positivismo em relação ao futuro e à vida. A relação positiva e bastante significativa (p < ,01) com a crise é perceptível.

A relação da crise com o Futuro é negativa (r = -,01), ou seja, quanto mais focados no futuro estão os sujeitos, menos impacto tem a crise, e vice-versa. O Futuro que prevê um estabelecimento de objectivos a longo prazo, uma preocupação com as consequências futuras dos seus comportamentos e planeamento das suas acções, está inversamente relacionado com uma situação que tem um impacto mais presente. Esta relação, no entanto, não é significativa (p > ,05).

V – Discussão

Depois de apresentados os resultados mais interessantes para esta investigação iremos nesta secção discutir a sua relevância, procurando integrá-los nos modelos teóricos que suportam os objectivos anteriormente mencionados.

O principal objectivo desta investigação era saber qual o impacto da actual crise socioeconómica nos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra assim como a sua influência em variáveis como a motivação, aqui avaliada e assente em duas vertentes da Teoria da Autodeterminação (*Self-Determination Theory*, SDT; Deci & Ryan, 1985) – orientação causal e necessidades psicológicas básicas – e a Teoria da Perspectiva Temporal (Gonzalez & Zimbardo, 1985; Zimbardo & Boyd, 1997; Zimbardo, Keough & Boyd, 1997). Para responder a este objectivo é necessário ter uma visão do verdadeiro impacto da crise de forma isolada, ou seja, analisada nas suas componentes individuais e globais, para posteriormente conseguirmos relacioná-la com as variáveis psicológicas consideradas no estudo.

Antes de iniciarmos a discussão dos resultados, porém, convém mencionar algumas limitações inerentes a este estudo e que advêm, sobretudo, do facto de termos uma amostra de conveniência e com poucos efectivos, o que, desde logo, tem implicações para a generalização dos resultados, mas também igualmente para a análise dos mesmos e para as inferências, ou conclusões, que iremos realizar. Apesar das limitações referidas julgamos ser possível apresentar as seguintes conclusões no final desta investigação.

Assim, desde logo, os resultados mostram que a maior parte dos estudantes inquiridos sofre de alguma forma com a crise socioecónomica, seja pelos cortes que teve de fazer em diversas áreas da sua vida, seja no que concerne ao futuro profissional e pessoal.

Para a maior parte dos alunos a crise tem tido impacto na sua vida influenciando hábitos, crenças, bem-estar e esperança no futuro. Desta forma, como dá conta a notícia do Grupo Controlinveste (2013), um dos sectores mais afectados pela crise é a Educação e uma das consequências desta situação é a emigração que está, cada vez mais, a ser uma opção para os estudantes universitários (Portocarrero, 2012), e que é uma das situações mais tipicamente impulsionadas pela presente crise mencionada pelos estudantes desta amostra.

Em suma, a crise afecta de diferentes formas grande parte da amostra aqui estudada. Para que possamos analisar os seus efeitos nas duas variáveis que nos propomos estudar, usámos a técnica estatística de correlação. Porém, antes de passarmos ao exame destas relações, julgamos ser pertinente começar por apresentar uma visão geral da motivação dos estudantes observados neste estudo.

No que concerne à orientação causal dos estudantes vemos que a orientação autónoma é a predominante, seguida da orientação controlada, e por último a orientação impessoal. Segundo Deci & Ryan (2000), a "preferência" pela orientação autónoma pressupõe a satisfação das três necessidades psicológicas básicas e a escolha dos comportamentos pelos interesses e não pela imposição e controlo. A escolha dos comportamentos, que os torna autodeterminados, é uma das características das pessoas com este tipo de orientação causal (Deci & Ryan, 1985). Claro está que a orientação controlada prevê o contrário (Deci & Ryan, 2000; Deci & Ryan, 1985). O facto de a amostra apresentar estas características permite-nos hipotetizar que o impacto da crise será menor nos indivíduos com a orientação autónoma e cada vez maior nos indivíduos com a orientação controlada ou impessoal.

Em relação às necessidades psicológicas básicas, a afiliação é a necessidade melhor satisfeita, seguida da competência e por fim a autonomia. As necessidades psicológicas básicas são nutrientes necessários à proactividade, ao crescimento psicológico, à integridade e ao bem-estar (Deci & Ryan, 2000), ao "desenvolvimento optimal e funcionamento autêntico" e dependem do meio envolvente, dos obstáculos (Deci & Vansteenkiste, 2004, p.24). Desta forma serão de esperar que sejam influenciadas pela crise, pelo que as necessidades estarão menos satisfeitas quanto maior for o impacto da crise, e vice-versa. Uma vez que a autonomia pressupõe escolha, volição e manutenção dos comportamentos (Niemiec et al., 2006) será natural que com a crise este sentimento diminua, e uma vez que, segundo Faye & Sharpe (2008), os estudantes do primeiro ano podem não sentir autonomia em relação ao seu percurso académico, sendo que as aulas não são "nem autónomas nem autoorganizadas" não satisfazendo por isso esta necessidade (p.195). Tal também acontece com a competência que prevê "um sentimento de eficácia na interação com o meio físico e social" (Niemec et al., 2006, p.763; Deci & Ryan, 2000).

No que à afiliação diz respeito, segundo Faye & Sharpe (2008), esta é uma necessidade que tem um papel muito importante na universidade quando falamos em motivação académica, mas tal facto pode advir do elevado número de raparigas que frequenta o Ensino Superior, daí ser compreensível a maior satisfação desta necessidade revelada pelos resultados.

Fica claro, no plano da teoria, que existe uma relação entre a orientação causal e as necessidades psicológicas básicas, mas quando analisamos empiricamente os resultados desta relação, esta deixou de ser tão clara e linear como se previa.

De facto, a relação entre a orientação autónoma e as necessidades psicológicas básicas devia ser sempre positiva mas tal não acontece para a necessidade da autonomia que tem uma relação negativa com a orientação autónoma, isto é, esta necessidade é menos satisfeita quanto mais autonomamente orientado é o sujeito. Este resultado é surpreendente, uma vez que a autonomia é a necessidade chave para o comportamento focado nos objectivos e autodeterminado, como é apanágio da orientação autónoma

(Deci & Ryan, 2000). Podemos assim especular que a percepção da orientação causal autónoma que os estudantes têm não é congruente com o verdadeiro sentimento de satisfação da necessidade de autonomia. Ou seja, a percepção de escolha e de volição dos comportamentos e da satisfação das três necessidades psicológicas básicas que uma elevada orientação autónoma prevê, não é congruente com o verdadeiro sentimento de autonomia que os estudantes sentem.

A respeito da orientação controlada também se encontram resultados que merecem a nossa atenção, uma vez que a necessidade de competência e de afiliação deviam ser aqui satisfeitas (Deci & Ryan, 2000) e ter, por isso, uma relação positiva. Tal mais uma vez não acontece e, segundo Deci & Ryan (1985), a orientação controlada está associada a uma elevada competência, caracterizada por uma pressão para alcançar determinados resultados, mas esta competência difere da que existe na orientação autónoma no sentido que não é autodeterminada.

Por último, a orientação impessoal relaciona-se negativamente com as três necessidades psicológicas básicas, o que seria de prever uma vez que esta orientação pressupõe isso mesmo, uma não satisfação das necessidades psicológicas básicas, uma descrença e impotência em relação ao mundo em geral (Deci & Ryan, 1985).

Entre as variáveis da motivação em si e a crise também há resultados importantes a reter. Entre a crise e a orientação causal, no caso da orientação autónoma a relação com a crise é positiva, resultado que é contraditório pelas características acima mencionadas desta mesma orientação. Seria assim de esperar uma relação negativa. Mais uma vez, e especulando de novo, a percepção de orientação causal que os estudantes têm pode não estar em congruência com o que realmente sentem ou fazem na sua vida.

No que toca à relação das necessidades psicológicas básicas com o indicador compósito da crise, os seus resultados são todos congruentes com o que se esperava. Segundo a SDT, os contextos sociais são facilitadores da competência, afiliação e da autonomia e por isso promoverão a motivação. Quando confrontados com um contexto não facilitador (por exemplo um contexto de crise socioeconómica) a motivação e a performance diminuem (Deci et al, 1991), assim como o interesse, a escolha e a volição (Vansteenkiste et al., 2004). Assim, neste contexto é de esperar resultados que se negativos na relação entre a crise e as necessidades psicológicas básicas.

Por último, a variável do tempo, avaliada pela perspectiva temporal de Zimbardo, mostra-nos que o Presente Hedonista é a perspectiva predominante, seguida do Futuro. Segundo a Agência Lusa (2013) a falta de objectivos futuros é um dos factores de desmotivação dos estudantes. Daí que talvez haja agora um foco nos objectivos a curto prazo e no momento presente, como esta perspectiva do Presente Hedonista defende (Zimbardo & Boyd, 1999). A sua relação com a crise é congruente com o esperado.

Em suma, a crise socioeconómica revela ter impacto na motivação e na perspectiva temporal dos estudantes do 1º ano da Universidade de Coimbra, sendo que na primeira as relações são menos claras em certas dimensões, e na segunda nota-se a influência da crise, como seria de esperar, em todos os diferentes tipos de perspectiva temporal. A crise é então um factor a ter em conta quando pensamos no que determina a performance, a persistência e o bem-estar dos estudantes universitários.

VI - Conclusões

A investigação apresentada nesta dissertação pretendeu sobretudo perceber qual o impacto da crise socioeconómica nos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra em duas dimensões diferentes da personalidade – a motivação e a perspectiva temporal.

Após uma análise cuidada dos resultados foi possível perceber que diferentes factores destas dimensões sofrem algum tipo de impacto da crise. Algumas dessas relações revelaram resultados que eram esperados, nomeadamente entre a crise e a perspectiva temporal e entre a crise e as necessidades psicológicas básicas; outros resultados foram inesperados e levam-nos a considerar diferentes pontos de análise. Mais especificamente, as orientações causais mostraram ter uma relação com a crise e com as necessidades psicológicas básicas diferente do que aquilo que nos é dado a conhecer pela literatura, mas como especulámos não são resultados "errados", precisam sim de ser analisados e interpretados de forma crítica e cuidada. As percepções de autonomia (orientação causal) e o verdadeiro sentimento de autonomia (necessidades psicológicas básicas) podem não estar em congruência. De qualquer forma, de uma maneira geral concluímos que grande parte dos estudantes da nossa amostra sente o impacto da crise e que esta tem impacto nas variáveis da motivação e da perspectiva temporal.

Este estudo apresenta algumas limitações, como já tivemos hipótese de mencionar anteriormente, que diminuem o alcance e a generalização dos resultados. O facto de a amostra ter sido recolhida exclusivamente *online*, o *N* não é tão elevado como seria desejável, e ainda uma vez que a representação dentro de cada curso não é significativa, a generalização torna-se um problema. Outra limitação é o facto de a amostra ser de conveniência, isto é, obtida através da colaboração de professores e alunos que se mostraram disponíveis para o efeito. Ainda, pelo facto de termos muitas variáveis, concomitantemente com um *N* baixo, não foi possível realizar todas as análises que, com certeza, dariam resultados interessantes, nomeadamente entre as variáveis da motivação e da perspectiva temporal. Mesmo assim e, apesar do inegável carácter exploratório e provisório dos resultados alcançados, julgamos que o estudo que realizámos possui actualidade e deixou algumas pistas para questões que precisam de ser aprofundadas em futuros trabalhos de investigação nesta área. Em particular, pensamos ter evidenciado o interesse das teorias e dos contrutos anotados, para a investigação futura nesta área.

Nesta linha, deixa-se a sugestão para que em investigações futuras se tenha em conta as relações, acimas mencionadas, com a crise socioeconómica. Outra sugestão é tentar abranger mais cursos e, dentro dos mesmos, tentar recolher uma maior amostra para que cada um destes tenha uma maior representação na estimativa geral; tal permitiria, por um lado, uma comparação intergrupos mais credível e, uma maior confiança na generalização dos resultados para a população.

Em jeito de conclusão geral, podemos dizer que os alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra sentem o impacto da crise socioeconómica nas suas vidas, e, em certos casos, este impacto estende-se à sua motivação e perspectiva temporal. As intervenções psicológicas construídas para a promoção do desenvolvimento do bem-estar (incluindo neste as dimensões académicas) deste segmento específico da população podem beneficiar com a inclusão das variáveis personalísticas e motivacionais, examinadas nesta investigação.

Bibliografia

Agência Lusa. (6 de Março de 2013). *Algumas dezenas de alunos universitários protestaram em Lisboa.* Obtido de Público: http://www.publico.pt/portugal/noticia/algumas-dezenas-de-alunos-universitarios-protestaram-em-lisboa-1586840

Agência Lusa. (6 de Junho de 2013). *Universitários do ensino público mais desmotivados que os do privado* . Obtido de iOnline: http://www.ionline.pt/artigos/portugal/universitarios-ensino-publico-mais-desmotivados-os-privado

Amaral, M., & Franco-Borges, G. (2010). Bem-estar dos Adultos Emergentes: Factores de Protecção e de Risco. *Integração e bem-estar em contextos de trabalho* (pp. 28-44). Associação para o Desenvolvimento da Carreira - APDC.

Casanova, F. (15 de Janeiro de 2013). *Reitores querem saber quantos universitários deixam estudos por causa da crise.* Obtido de Renascença: http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=92782

de Bilde, J., Vansteenkiste, M., & Lens, W. (2011). Understanding the assossianton between future time perspective and self-regulated learning through the lens of self-determination theory. *Learning and Instruction, 21*, 332-344.

De Volder, M. L., & Lens, W. (1982). Academic Achievement and Future Time Perspective as a Cognitive-Motivational Concept. *Journal of Personality and Social Psychology, 42 (3)*, 566-571.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior.* New York: Plenum Press.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985a). The General Causality Orientations Scale: Self-Determination in Personality. *Journal of Research in Personality, 19*, 109-134.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "What" and "Why" of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. *Psychological Inquiry, 11 (4)*, 227-268.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Facilitating Optimal Motivation and Psychological Well-Being Across Life's Domains. *Canadian Psychology, 49 (1)*, 14-23.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008a). Self-Determination Theory: A Macrotheory of Human Motivation, Development, and Health. *Canadian Psychology, 49 (3)*, 182-185.

Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2004). Self-Determination Theory and Basic Need Satisfaction: Understanding Human Development in Positive Psychology. *Ricerche di Psicologia, 27 (1)*, 23-40.

Deci, E. L., Koestner, R., & Ryan, R. M. (1999). A Meta-Analytic Review of Experiments Examining the Effects of Extrinsic Rewards on Intrinsic Motivation. *Psychological Bulletin, 125 (6)*, 627-668.

Deci, E. L., Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Ryan, R. M. (1991). Motivation and Education: The Self-Determination Perspective. *Educational Psychologist, 26 (3 & 4)*, 325-346.

Faye, C., & Sharpe, D. (2008). Academic Motivation in University: The Role of Basic Psychological Needs and Identity Formation. *Canadian Journal of Behavioural Science, 40 (4)*, 189-199.

Grupo Controlinveste. (13 de Março de 2012). *Estudantes debatem as dificulades causadas pela crise.* Obtido de Jornal de Notícias: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Educacao/Interior.aspx?content_id=2367005

Grupo Controlinveste. (21 de Março de 2013). *Portugal está entre os países que mais cortam no orçamento da Educação.* Obtido de Jornal de Notícias: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Educacao/Interior.aspx?content_id=3121730&page=-1

Horstmanshof, L., & Zimitat, C. (2007). Future time orientation predicts academic engagement amoung first-year university students. *British Journal of Educational Psychology, 77*, 703-718.

Husman, J., & Lens, W. (1999). The Role of the Future in Student Motivation. *Educational Psychologist, 34(2)*, 113-125.

Jesus, P. (25 de Outubro de 2012). *Estudantes universitários com elevados níveis de exaustão.* Obtido de Diário de Notícias: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2846601

Kasser, T., & Ryan, R. M. (1996). Further Examining the American Dream: Differential Correlates of Intrinsic and Extrinsic Goals. *Personality and Social Psychology Bulletin, 22 (3)*, 280-287.

Kauffman, D. F., & Husman, J. (2004). Effects of Time Perspective on Student Motivation: Introduction to a Special Issue. *Educational Psychology Review, 16 (1)*, 1-7.

Keough, K. A., Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Who's Smoking, Driving, and Using Drugs? Time Perspective as a Predictor of Substance Abuse. *Basic and Applied Social Psychology, 21(2)*, 149-164.

Lens, W., Paixão, M. P., & Herrera, D. (2009). Instrumental Motivation is Extrinsic Motivation: So What??? *Psychologica, 50*, 21-40.

Lens, W., Paixão, M. P., Herrera, D., & Grobler, A. (2012). Future time perspective as a motivational variable: Content and extension of future goals affect the quantity and quality of motivation. *Japonese Psychologycal Research, 54 (3)*, 321-333.

Niemiec, C. P., Lynch, M. F., Vansteenkiste, M., Bernstein, J., Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2006). The antecedents and consequences of autonomous self-regulation for college: A self-determination theory perspective on socialization. *Journal of Adolescence, 26*, 761-775.

Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psycholetric theory* (3ª ed.). New York: McGraw-Hill.

Ortuño, V., & Gamboa, V. (2009). Estrutura factorial do Zimbardo Time Perspective Inventory - ZTPI numa amostra de estudantes universitários portugueses. *Avances en Psicología Latinoamericana, 27 (1)*, 18-29.

Pallant, J. (2002). *SPSS Survival Manual* (2ª ed.). Australia: Allen & Unwin.

Portocarrero, M. (14 de Agosto de 2012). *Crise leva perto de 70% dos universitários a quererem emigrar*. Obtido de Público: http://www.publico.pt/educacao/noticia/crise-leva-quase-70-dos-universitarios-a-querer-emigrar-diz-estudo-1558999

Ryan, R. M., & Connel, J. P. (1989). Perceived Locus of Causality and Internalizatiom: Examining Reasons for Acting in Two Domains. *Journal of Personality and Social Psychology, 57 (5)*, 749-761.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. *Contemporary Educational Psychology, 25*, 54-67.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000a). Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. *American Psychologist, 55 (1)*, 68-78.

Simons, J., Vansteekiste, M., Lens, W., & Lacante, M. (2004). Placing Motivation and Future Time Perspective Theory in a Temporal Perspective. *Educational Psychologiy Review, 16(2)*, 121-139.

Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Koestner, R. (2008). Reflections on Self-Determination Theory. *Canadian Psychology, 49(3)*, 257-261.

Vansteenkiste, M., Sierens, E., Soenens, B., Luyckx, K., & Lens, W. (2009). Motivational Profiles From a Self-Determination Perspective: The Quality of Motivation Matters. *Journal of Educational Psychology, 101 (3)*, 671-688.

Vansteenkiste, M., Simons, J., Lens, W., Sheldon, K. M., & Deci, E. L. (2004). Motivating Learning, Performance, and Persistence: The Synergistic Effects of Intrinsic Goal Contents and Autonomy-Supportive Contexts. *Journal of Personality and Social Psychology, 87 (2)*, 246-260.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting Time in Perspective: A Valid, Reliable Individual-Differences Metric. *Journal of Personality and Social Psychology, 77 (6)*, 1271-1288.

Zimbardo, P. G., Keough, K. A., & Boyd, J. N. (1997). Present Time Perspective as a Predictor of Risky Driving. *Personality and Individual Differences, 23 (6)*, 1007-1023.

Anexos

I – Questionário Sociodemográfico e Socioeconómico
II – Exemplo de itens da Escala de Orientações Gerais de Causalidade
III – Exemplo de itens do Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo
IV – Escala das Necessidades Psicológicas Básicas – Geral

I – Questionário Sociodemográfico e Socioeconómico

Questionário Sociodemográfico

1. Dados Pessoais:

1.1. Nacionalidade: _____.
1.2. Naturalidade: _____.
1.3. Idade: _____ anos.
1.4. Género:
□Feminino
□Masculino
1.5. Estado Civil:
□ Solteiro
□ Casado
□ União de Facto
□ Divorciado
□ Viúvo
□ Outro
1.6. Área de residência:
□ Rural
□ Urbana
1.7. Situação Familiar:
1.7.1. Pai:
Habilitações escolares: _____.
Profissão: _____.
Situação Laboral:
□ Empregado
□ Desempregado.
1.7.2. Mãe:
Habilitações escolares: _____.
Profissão: _____.
Situação Laboral:
□ Empregada
□ Desempregada.
1.7.3. Irmãos:
Tem irmão a frequentar o Ensino Superior?
□ Sim. Quantos? _____
□ Não.

2. Percurso académico:

2.1. Curso que frequenta: _____
2.2. Neste momento encontra-se (assinale com uma cruz a sua resposta):
□ Só a estudar.
□ A estudar e a trabalhar a *part-time*.
□ A estudar e a trabalhar a *full-time*.
2.3. A sua entrada no ensino superior implicou a sua saída de casa? (assinale com uma cruz a sua resposta):
□ Sim.
□ Não.

2.3.1. Se **Sim**, encontra-se a viver em (assinale com uma cruz a sua resposta):
□ Residência Universitária.
□ Apartamento sozinho(a).
□ Apartamento com outros estudantes.
□ Casa ou apartamento com familiares.
□ Outro local: _____.

3. Impacto da crise socioeconómica:

3.1. As dificuldades vividas actualmente no país influenciam a escolha do seu curso?
□ Sim.
□ Não.

3.2. Na sua família existe alguém desempregado?
□ Sim. Quem? _____
□ Não.

3.3. Tem receio do seu futuro?
□ Sim.
□ Não.

3.4. De que modo a crise socioeconómica influencia a sua vida?
□ Deixei de fazer compras
□ Solicitei um empréstimo
□ Deixei de ir ao cinema
□ Já não vou de férias
□ Tive de fazer cortes na alimentação
□ Já não saio com os meus amigos
□ Deixei de fazer refeições fora de casa
□ Outra. Qual? _____

3.5. Os seus pais têm de fazer um esforço adicional para poder estar no Ensino Superior?
□ Sim.
□ Não.

3.5.1. Se sim, isso condiciona-o de alguma forma?
□ Não condiciona.
□ Deixei de fazer algumas coisas (mencionadas na questão 3.4).
□ Sinto-me pressionado.
□ Outra. Qual: _____

3.6. condiciona a maneira como encara sua permanência no Ensino Superior?
□ Sim. Como? _____
□ Não.

3.7. Acredita que mesmo com o actual estado do país ainda é uma mais-valia ter um curso superior?
□ Definitivamente sim.
□ Sim.
□ Não sei.
□ Não.
□ Definitivamente não.

3.8. Pessoalmente, esta crise socioeconómica tem tido impacto na sua vida? Especifique. (preenchimento facultativo)

_____

II – Exemplo de itens da Escala de Orientações Gerais de Causalidade

Os itens que se seguem colocam-nos perante um conjunto de 12 situações hipotéticas. Cada situação descreve um acontecimento relativamente ao qual são oferecidas três alternativas de resposta. Por favor, leia cada situação, imagine-se nela e avalie cada uma das respostas possíveis. Para cada uma das alternativas de resposta pense qual seria a probabilidade de responder da mesma forma. Se a sua probabilidade de responder daquela forma for muito baixa, deve colocar um círculo à volta dos números 1 ou 2. Se a sua probabilidade de responder daquela forma não for muito elevada deve colocar um círculo à volta de um dos números intermédios, e se for muito elevada deve colocar um círculo à volta dos números 6 ou 7.

1. **Foi-lhe oferecida uma posição profissional favorável na empresa onde trabalha já há algum tempo. A primeira questão em que pensa é provavelmente a seguinte:**
   a) E se eu não conseguir estar à altura das novas oportunidades?

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

   b) Ganharei mais neste novo posto de trabalho?

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

   c) Será que este trabalho vai ser interessante?

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

3. **Recentemente abriu um posto no seu local de trabalho que poderia ter significado uma promoção para si. Contudo, este posto foi oferecido a um colega que trabalha consigo. Ao avaliar a situação é provável que pense:**
   a) Não estava verdadeiramente à espera que o trabalho fosse para mim, uma vez que sou ultrapassado (a) pelos outros com alguma frequência.

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

   b) O meu colega provavelmente fez as coisas "politicamente correctas" para conseguir este posto.

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

   c) Há alguns fatores (aspetos) na minha realização profissional que fizeram com que não fosse escolhido (a).

1	2	3	4	5	6	7
Muito pouco provável			Moderadamente provável			Muito provável

III – Exemplo de itens do Inventário de Perspectiva Temporal de Zimbardo

Leia cada item e responda o mais sinceramente possível à pergunta: Em que medida esta característica é verdadeira para si. Para cada item assinale de acordo com a escala. Por favor responda a **TODAS** as questões.

1=Nunca é verdadeiro; 3=Neutro; 5=Sempre é verdadeiro	1	2	3	4	5
1. Eu acredito que ir divertir-se com os amigos é um dos prazeres da vida de uma pessoa.					
17. Tento viver a minha vida o melhor possível, um dia de cada vez.					
34. É difícil para mim esquecer imagens desagradáveis da minha juventude.					
42. Eu corro riscos para sentir emoção na minha vida.					

IV – Exemplo de itens da Escala de Necessidades Psicológicas Básicas – Geral

O presente questionário tem como objectivo a recolha de dados para fins de investigação, devendo responder de acordo com a sua opinião, não havendo boas nem más respostas. As respostas são anónimas e agradecemos, desde já, a sua colaboração. Por favor, leia atentamente cada um dos itens que se seguem, pensando na relação dos mesmos com o que se passa na sua vida. De seguida, indique em que grau vão ao encontro da sua experiência, utilizando a seguinte escala:

1=Não é de forma alguma verdade; 5=Totalmente verdade

	1	2	3	4	5
2. Gosto das pessoas com quem me relaciono.					
7. Sinto-me geralmente livre para expressar as minhas ideias e opiniões.					
14. Não tenho muitas pessoas de quem me sinta próximo(a).					
19. As pessoas são em geral particularmente amigáveis para comigo.					

Errata

Mota, C. (2013). O Impacto da Crise Socioeconómica na Motivação e na Perspectiva Temporal nos alunos do 1º ano da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Pág.	Linha/Tabela	Onde se lê	Deve ler-se
2	Linha 11	"citado por"	"citados por"
5	Linha 16	essencias	essenciais
5	Linha 22	"citado por"	"citados por"
23	Linha 30	"por emerge"	"por fim emerge"
26	Tabela 10	"passado hedonista"	"presente hedonista"
26	Tabela 10	"passado fatalista"	"presente fatalista"